

O BRASIL QUE O BRASIL DIZ SER: NARRATIVAS MUDIÁTICAS EM CONVERGÊNCIA NA ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO/2016

Luciana Fiamoncini

Juliano Silveira

Angelo Luiz Bruggemann

Mirafra Noal Manfroi

Kamila Silva Gomes

Paula Bianchi

Joaquín Marín Montín

Carolina Fernandes da Silva

Giovani De Lorenzi Pires

1 INTRODUÇÃO

A solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos (JO) costuma ser um evento cultural significativo para o mundo esportivo, em que os valores e tradições do olimpismo são simbolicamente reafirmados e atualizados. Esta cerimônia é cercada de grande expectativa por parte do público e dos meios de comunicação de massa, responsáveis por amplificar o alcance deste momento ímpar para a audiência espalhada mundo afora.

Há diversos estudos na literatura mundial que enfocam as solenidades de abertura dos Jogos Olímpicos, sobretudo a partir da sua cobertura televisiva, embora sejam escassos na literatura brasileira (VIEIRA, 2003, SANTOS, 2012). Um dos grandes pesquisadores desse campo é Moragas Spà, conforme identifica Vieira (2003). Segundo o autor espanhol/catalão (citado por SANTOS, 2013, p.1):

o momento em que a relação entre a TV e os Jogos Olímpicos (JO) mais se explicita é justamente quando há a maior expressão dos valores do olimpismo e a maior demonstração simbólica da celebração do potencial do esporte: a cerimônia de abertura dos JO.

Este evento dá início às competições, segue o protocolo olímpico e, a partir da década de 1980, passou a ser dividido em dois momentos principais: 1) “as performances artístico-culturais”, isto é, um conjunto de apresentações artístico-culturais que contextualizam a cidade anfitriã a partir da abordagem de elementos históricos e culturais do país; 2) “os rituais olímpicos”, que corresponde ao cerimonial olímpico propriamente dito, envolvendo o desfile das delegações dos países participantes, o hasteamento da bandeira olímpica, o juramento de atletas e oficiais, a abertura oficial dos jogos pelas autoridades olímpicas e o acendimento da pira olímpica (SANTOS, 2012).

Ambos os momentos da solenidade de abertura dos JO são essencialmente espetáculos midiáticos, produzidos para promover os jogos junto aos espectadores nos mais diferentes lugares do mundo, agigantando assim a audiência:

Como evento feito para ser midiaticizado, os responsáveis pelas transmissões da cerimônia de abertura dos JO, em suas edições mais recentes, têm investido em diferentes momentos com diferentes tipos de “mensagens” e “emoções” para atrair a atenção do maior número possível de audiência não presencial, isto é, a audiência que assiste ao evento pela TV (SANTOS, op. cit., p. 104).

O momento dos “rituais olímpicos” tem seu roteiro definido pelo próprio COI e pela Carta Olímpica e, cabe ao país/cidade-sede, através do Comitê Organizador Local dos Jogos Olímpicos (COLJO), somente propor o seu andamento, com narrativas comunicacionais criativas e espetaculares, sem, no entanto, alterar significativamente esse roteiro simbólico.

Por outro lado, o COI destina uma parte das solenidades de abertura para que os organizadores locais possam apresentar simbolicamente ao mundo sua história, cultura, símbolos e representações. Por assim dizer, é quando uma determinada identidade do país/cidade é contada ao mundo por si mesmo, isto é, um discurso auto-representativo. Obviamente, a narrativa histórica, as práticas culturais e os personagens escolhidos para simbolizar a imagem que se busca divulgar ali constituem um processo não desprovido de interesses culturais e ideológicos que se pretendem mostrar hegemônicos (POFFO *et al.*, 2015).



Por se tratar de um evento espetacular e global, há uma clara preocupação por parte dos meios de comunicação de massa em fazer com que as imagens e informações cheguem aos mais diferentes países e, nesse sentido, é preciso levar em consideração uma série de fatores que envolvem a produção da “parte cultural” da cerimônia de abertura. Principalmente porque, por meio da mídia, a cerimônia permite um contato extraordinário entre a cultura local e as audiências internacionais. Portanto, em seu processo de construção, considerar que não se trata de um evento voltado somente para o público local lança um imenso desafio para seus organizadores que, direta ou indiretamente, venderão no exterior a imagem da cidade/país sede.

Historicamente, os países-sede têm seguido a tendência de incrementarem as cerimônias de abertura trazendo elementos inovadores para além dos protocolos sugeridos pelo Comitê Olímpico Internacional, visando a produção de um espetáculo a ser assistido (consumido) por milhões de pessoas em todos os continentes. Em outras palavras, mais do que produzir um evento que representa uma formalidade ligada ao ritual olímpico, é necessário criar um produto midiático que será transmitido pelos diferentes meios de comunicação e, evidentemente, culminará em ganhos financeiros para as partes envolvidas. A espetacularização da cerimônia de abertura ocorre de forma mais efetiva desde os Jogos de Barcelona (1992), em que houve por parte da Organização a preocupação em se produzir cerimônias, tanto de abertura quanto de encerramento, que fossem concebidas como verdadeiros espetáculos; para tanto, “contaram com a participação de diversas personalidades da música, moda, entretenimento, grupos de teatro independentes, artistas em geral, pautadas no princípio estratégico de oferecer ao público uma experiência visual e musical” (MORAGAS SPÀ, 2010, p.85).

Nesse processo de produção de um conteúdo a ser veiculado pelas mídias em escala mundial, a escolha das narrativas que deverão representar o país/cidade que está recebendo os jogos envolve o destaque de alguns elementos culturais e, logicamente, o descarte de outros, dependendo dos interesses envolvidos. Ou seja, as contribuições para a produção das narrativas presentes na abertura são oriundas de diferentes áreas, a partir da iniciativa de muitos “atores” como o comitê organizador dos jogos, gestores públicos, instituições comerciais e financeiras envolvidas, grupos políticos motivados por interesses civis ou nacionalistas, entre outros (MORAGAS SPÀ, 2010). Isto porque

os Jogos olímpicos se tornaram um fenômeno de interesse estratégico para muitos dos grandes setores da sociedade: tecnologia, meios de comunicação, cultura, publicidade, política, financeiro, turismo, etc.

Para se ter uma ideia do papel desempenhado pelos meios no evento, podemos considerar que enquanto a cerimônia de abertura dos JO Londres/2012 foi vista presencialmente no estádio olímpico por 80 mil pessoas, aproximadamente outros 900 milhões de espectadores assistiram-na pela televisão, somente considerando as emissoras em sinal aberto e/ou por assinatura – sem considerar aqueles que acompanharam em transmissões pela internet. Das arquibancadas, o público acompanhou um espetáculo elaborado não apenas para ser visto no estádio, mas também, e em muitos momentos de forma predominante, voltado para a transmissão televisiva (PEREIRA *et al.*, 2015).

Associado a isso, a popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) faz com essas narrativas midiático-esportivas se modifiquem, se ampliem e se complementem. A cada nova edição dos Jogos é perceptível os avanços em termos de recursos, equipes profissionais, artistas e tecnologias visando a teatralização do estádio olímpico durante a abertura das Olimpíadas. O que parece permanecer como uma constante é o caráter de segredo e mistério que envolve o ritual da abertura, que certamente é parte do processo de espetacularização dos jogos, deixando sempre uma incógnita sobre a forma como a cidade sede se apresentará ao mundo. Da lembrança terna da lágrima de despedida do urso Misha, mascote dos jogos de Moscou (1980), produzida num mosaico de painéis sustentados pelos próprios espectadores, à “chegada” da Rainha Elizabeth ao estádio olímpico em Londres/2012, num salto de paraquedas e acompanhado nos telões do estádio e por milhões de telespectadores, o espetáculo da abertura olímpica parece pródigo em tentar incorporar o que a literatura trata como convergência digital (JENKINS, 2009) ou narrativas transmídias (SCOLARI, 2013).

A todos os meios credenciados é distribuída uma cobertura oficial, com imagens capturadas e disponibilizadas pela empresa de mídia credenciada pelo COI (*worldfeed*), no caso da televisão, além de um discurso textual também comum, divulgado antecipadamente em um guia de mídia (*media guide*) a todos os veículos midiáticos pelo COLJO. As redes de televisão patrocinadoras têm, ainda, a possibilidade de



divulgar imagens complementares próprias e, nas narrativas dos seus locutores e comentaristas, construir seu próprio (deles e da empresa) discurso oral.

No caso do presente subprojeto, nos detivemos a observar e analisar a solenidade de abertura dos JO Rio/2016¹, que aconteceu no estádio do Maracanã na cidade do Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto de 2016, a partir das 20 horas, com duração total de 3 horas e 45 minutos.

Nosso objetivo de investigação esteve interessado em compreender as narrativas simbólicas sobre o Brasil/Rio de Janeiro, sua história e cultura, divulgados nas solenidades de abertura dos JO Rio/2016, a partir de três discursos em convergência: 1) a narrativa oficial oferecida pelo COLJO através do *media guide* e do *worldfeed*; 2) as narrativas (re) interpretativas promovidas por emissoras de televisão e portais de internet que fizeram a cobertura da cerimônia, através das escolhas feitas por narradores, repórteres, editores, comentaristas, colunistas e convidados; 3) a apropriação crítica das narrativas oficiais, produzidas pelos usuários de uma rede social.

A análise desse último discurso se justifica pelo fato de que as redes sociais têm se constituído em um espaço legítimo de manifestação no âmbito da cultura digital, no qual é possível verificar, quase instantaneamente, os diferentes posicionamentos dos usuários, que são espectadores e leitores dos portais, mas também emissores, acerca dos conteúdos apresentados durante as narrativas midiáticas oficiais (PEREIRA *et al.*, 2015).

Nossa investigação caracteriza-se, assim, como um estudo descritivo interessado em interpretar a imagem simbólica que o Brasil divulga de si próprio nessa ocasião específica, e que resulta da convergência dos discursos de muitos “depoentes”, que vão do discurso oficial do COLJO às comunidades articuladas em torno de uma mídia social.

1.1 O campo e os procedimentos de observação

No esforço de produção de dados para a pesquisa, tendo o guia de mídia oficial do COLJO como documento de referência, tivemos como campo de análise quatro emissoras de televisão de canal aberto (três nacionais

1 A edição XXXI dos Jogos Olímpicos aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, de 5 a 21 de agosto de 2016.

e uma espanhola), quatro portais de notícias na internet (três nacionais e um espanhol) e uma rede social, a saber: 1) emissoras de televisão: Globo, Band, Record e TVE (Espanha); 2) portais: UOL, G1, globo.com e RTVE.es (Espanha); 3) rede social *Twitter*. Cada um desses meios foi acompanhado de forma específica, como descrevemos a seguir.

As três emissoras brasileiras de televisão de canal aberto foram acompanhadas ao vivo durante toda a abertura e ainda em imagem recuperada no todo ou em partes, conforme as emissoras liberaram em seus sites na internet. A TVE também foi acompanhada em sinal aberto, diretamente na Espanha. Todos os arquivos que conseguimos acessar foram recolhidos e arquivados para subseqüentes observações e análises. Os portais foram, igualmente, acompanhados durante a abertura e na seqüência imediata da cerimônia (dia seguinte) para se verificar a sua repercussão. O *Twitter* foi acompanhado no decorrer de toda a solenidade de abertura a partir de determinadas *hashtags*, descritas na seqüência do trabalho. Todas as matérias e mensagens de interesse para o estudo foram recolhidas na forma de *print screen* da tela e salvas em arquivo digital.

Em todas as estratégias de acompanhamento acima descritas, os pesquisadores produziram ainda registros na forma de anotações pessoais, para contribuir nas análises subseqüentes.

Após essa introdução (1), o capítulo se desenvolve primeiramente com um tópico teórico-conceitual (2) importante para a fundamentação das análises dos dados de campo, qual seja a questão da cultura e da identidade nacional e suas implicações no esporte. Na seqüência, é apresentada (3) uma sinopse de como cada um dos meios acompanhados narrou as solenidades de abertura. Da leitura transversal dessas narrativas, recolhemos algumas palavras-chaves que se mostraram mais recorrentes para, a partir delas, produzir categorias que se referem às principais características da convergência digital possíveis de identificar entre os discursos (4). Considerações finais resumizam e refletem sobre os achados da pesquisa, buscando contribuir para responder a questão de partida do estudo: *tomando como referência os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos Rio/2016, pode a cobertura midiática de megaeventos esportivos ser interpretada à luz de pressupostos da cultura de convergência?*



2 CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL. OU: ONDE ESTÁ AQUELE BRASIL DO FUTEBOL NA ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS?

Ao longo dos 45 minutos iniciais, que contemplaram a parte cultural da cerimônia, os organizadores buscaram mostrar um pouco da história brasileira por meio de momentos, personagens e ritmos que marcaram o desenvolvimento histórico e cultural do país. Tais elementos utilizados na abertura, na sua maioria, estão presentes na construção de uma identidade nacional, a qual é atribuída um nome coletivo, constituindo-se em um mito comum de descendência, uma história em comum, uma cultura distinta, uma associação com um território específico e um sentido de solidariedade entre seus membros (SMITH, 1986). Desta forma, a abertura foi pensada e as TVs reproduziram concepções historicamente construídas que identificam e diferenciam o brasileiro.

Nos momentos iniciais da abertura, o Brasil indígena foi apresentado no intuito de mostrar que antes da colonização portuguesa, aqui nas terras “desconhecidas”, havia uma cultura que, apesar da influência externa que viria a receber, ainda faz parte de quem somos nos dias atuais. Portanto, precisava ter seu espaço garantido como elemento fundamental na constituição da identidade e cultura nacional, tendo em vista a consideração de que seria o indígena “o habitante primitivo, por isso o mais autêntico” (CANDIDO, 2002, p. 21). Na sequência, chegaram os imigrantes: os portugueses com suas caravelas, os negros com suas correntes, os orientais e italianos com suas esperanças, entre outros povos. Assim foi apresentada a constituição do povo brasileiro, ou seja, como resultante da miscigenação, povos ou etnias, costumes, culinárias e musicalidades.

A construção histórico-temporal da narrativa que deu forma ao espetáculo da abertura pautou a escolha da sequência de músicas – do samba ao funk – que embalsamaram as performances e representações. A cerimônia pelas lentes da TV iniciou ao som do clássico da Música Popular Brasileira (MPB) “aquele abraço”, que, além de uma exaltação ao Rio de Janeiro – cidade sede –, traduz a fama internacional do brasileiro como um povo alegre e que se expressa com desenvoltura. Nesta perspectiva, pode-se entender que a musicalidade traduz a essência de um povo, pois é feito por ele e para ele.

O samba se tornou internacionalmente reconhecido como marca da musicalidade brasileira. Em sua constituição recebeu forte influência do *batuque*, que veio com os negros da África, mas também da *polca*

européia e do *maxixe* - resultado da fusão do batuque negro com a música hispano-americana (SCHWARCZ, 1994). Por muitos anos foi marginalizado, tal qual a capoeira e o candomblé, e esse registro é relevante para destacar o longo percurso de negação e subjugação que o samba passou até ter o destaque dos dias atuais. Nascido nas periferias, em especial do Rio de Janeiro, o samba vincula-se à imagem da mulata e do malandro carioca, que também, após percursos variados, consagraram-se como ícones (SCHWARCZ, 1994), sendo em dias atuais referências da identidade nacional.

O samba ganha destaque como símbolo nacional ao assumir em suas composições a exaltação nacionalista que casava com o período histórico-político nacional desenvolvimentista. Um exemplo marcante é que, na década de 1930, “o Governo Vargas procurou estimular o discurso ufanista-nacionalista na música popular” como estratégia para consolidar o Estado Novo (ZAN, 2011, p.111). Também nesse período, gradativamente ocorria a absorção do samba pelas elites e a mistura de influências musicais começavam a dar corpo ao que viria a ser a tradicional MPB, inegavelmente como definem Abreu e Dantas (2012), um estilo “positivamente e orgulhosamente” produto da mestiçagem racial de índios, portugueses e negros.

Do samba também nasceram outros ritmos musicais que se fizeram presentes na abertura dos JOs, como a bossa nova, apresentada, exaltando seus signos nutridos por uma elite carioca, quando Gisele Bündchen desfila ao som de “Garota de Ipanema” tocado no piano. Em sequência os holofotes saem de Ipanema e sobem para as favelas cariocas, quando foi apresentado, não só a construção dessas comunidades, mas sua força e mistura musical. Os novos ritmos rap, hip-hop, pop e funk, em versões que desvelam as entrelinhas do Brasil, são derivados do samba e como ele, emergiram das periferias e ganharam destaque nacional.

Um exemplo é a apresentação da cantora Ludmilla trazendo ao centro do palco a representação de um baile funk. De acordo com Dayrell (2003):

O funk tem como epicentro os bailes, em torno do qual se articula uma identidade própria. É também no baile que ele pode expressar os outros elementos do estilo: o encontro com os amigos, o gosto pela música funk, um determinado jeito de dançar, ressaltando a festa, a fruição do prazer e a alegria de estarem juntos (DAYRELL, 2003, p.48).



Em certo momento Galvão Bueno (Globo) comenta *“São as várias manifestações musicais, partindo da verdade absoluta que são dos bairros mais pobres, das populações mais carentes que nascem os ritmos, que nascem as canções, inclusive as danças que movimentam o planeta”* (35min-43seg). Esta afirmação é representativa da importância dessas camadas sociais na construção da nossa cultura, pois a ascensão desses ritmos marca diversos aspectos, como a forma de relacionar-se, ou de vestir-se, da cultura atual, não só do carioca, mas do povo brasileiro. Parafraseando Noel Rosa, na canção Feitio de oração, *“O samba na realidade não vem do morro nem da cidade (...) Nasce no coração”*; talvez esta perspectiva possa abranger todas as expressões musicais, ou seja, não há lugar ou classe social que se enquadre, o que há é expressão artística e/ou emocional de uma cultura.

Por mais que o Samba esteja presente em todos os lugares no Brasil, é no povo carioca que ele é reconhecido na figura do sambista, do malandro, que Roberto da Matta retrata em seus textos. De acordo com Oliven (1984, p. 68), *“o tema da malandragem se desenvolve mais intensamente na música popular brasileira nas décadas de 1920, 1930, e 1940”*, em razão do conflito entre capital e trabalho ainda não recobrir todo o espaço social no Brasil, havendo, portanto, uma brecha a ser ocupada pela metáfora da malandragem.

Foi da figura do malandro carioca que nasceu a cultura do *“jeitinho”*. Essa representação brasileira, através do *“jeitinho”*, foi também aproveitada pelos criadores do espetáculo de abertura quando, em entrevista coletiva, afirmaram que, por conta de cortes orçamentários, a cerimônia foi construída como uma *“gambiarra”*, procurando, com isso, se eximir caso algo desse errado durante o evento. Barbosa (1992, p.45), buscando uma interpretação de personagens da literatura brasileira que são caracterizados como malandros e que dão seus jeitinhos apresenta que

[...] todos esses personagens são extremamente individualizados, tanto pela sua forma física, como pelo seu procedimento, seu modo de vestir, andar e se comportar e também pela maneira como vivem, pregando peças nos outros, de sair-se bem de situações em que tinham tudo para se darem mal, transformando suas desvantagens em trunfos que foram bem manipulados pela criatividade e improvisação, das técnicas mais utilizadas pelos usuários do jeitinho.

O tal “jeitinho brasileiro” é parente próximo da gambiarra, termo este amplamente repetido no discurso de todas as emissoras aqui analisadas, estando presente, inclusive, no guia de mídia ao ressaltar o Brasil como o país da gambiarra, associando-o ao improviso e à criatividade.

Para entender o que é o “jeitinho” no contexto das olimpíadas destacam-se dois caminhos que aqui podem seguir em paralelo. O primeiro, altamente valorizado pelos narradores da abertura dos jogos olímpicos, marca a alegria, a criatividade, como, por exemplo, nas palavras de Galvão Bueno no momento em que os bailarinos sobem para a plateia cantando “nosso hino dançante”, País tropical. E também na expressão: “esse é o espírito do povo brasileiro” (45’53), concebida por Holanda (1995, p.18) referindo-se a forma de fazer política do brasileiro como “o nosso culto tradicional pelas formas impressionantes, o exibicionismo, a improvisação”.

O outro caminho, que segue subentendido, mas pode ser lido em um ou outro comentário ácido proferido por Fábio Porchat, ou no motivo não apresentado do então Presidente Temer não ser anunciado em cerimônia oficial, é que o “jeitinho” marca a ausência de limites que demarque claramente as esferas pública e privada. A tal cordialidade está inserida no jeito do brasileiro transpondo-se ainda para a esfera política, no mais amplo sentido da palavra. “Não é fácil aos detentores de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público” (HOLANDA, 1995, p.145).

Desta forma, desenvolve-se o hábito brasileiro de solucionar situações por meio de “jeitinhos”, ou seja, resolver as coisas sem muito esforço e, assim, tentar tirar vantagem através das amizades conquistadas ao longo da sua vida, pois como apresentado por Barbosa (1992) “no Brasil é muito mais importante conhecer a pessoa implicada, do que a lei que governa uma dada situação”.

Ainda buscando esta caracterização do malandro, Barbosa (1992, p.46) apresenta um contraponto entre o carioca e o paulista, representando outra construção imaginária do Brasil, de que o país se divide principalmente no eixo Rio-São Paulo, onde historicamente as principais TVs abertas se encontram e, por isso, acabam disseminando tal pensamento:

[...] o carioca, principalmente quando visto em oposição ao paulista. Enquanto o primeiro é bem-humorado, simpático, boa-vida, piadista, preguiçoso, gosta de samba, chopp, praia, mulher e carnaval,



desenvolveu uma particular ojeriza pelo trabalho e não é uma potência econômica, o segundo representa os valores opostos.

Então, quando observamos uma identidade nacional brasileira, muitas das vezes somos inseridos nesses signos cariocas. Inspirado nesse perfil do carioca, o antropólogo Sérgio Buarque de Holanda, analisou o brasileiro sob a lente do “homem cordial”. O “homem cordial” longe de significar, como sugere o termo, a personificação da gentileza ou civilidade, vem do latim *cordis*, significando coração. O conceito está relacionado à forma como o brasileiro lida com suas relações sociais, sejam elas profissionais ou familiares, como aponta Holanda (1995, p.146) “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós”. Esta tendência de levar a forma de trato do meio familiar, com comportamentos predominantemente afetivos, para outras esferas sociais marca o brasileiro como um povo alegre, simpático e acolhedor, características estas exaltadas nos comentários dos narradores da abertura.

O homem cordial é apresentado como aquele que age antes com o coração ao invés da razão, se traduz por aquele que privilegia as relações de amizades, ante escolhas formais, neutras ou burocráticas, podendo traduzir pelo comportamento que utiliza o “jeitinho”. Entretanto, de acordo com Carvalho (1998), o mesmo está vivo nos dias atuais e é um contraponto a uma visão negativa do povo:

se os concidadãos são pouco confiáveis, ainda menos confiáveis são os representantes políticos. O povo não se vê como responsável pelo que acontece no país [...], só lhe restam as belezas naturais, cada vez mais destruídas por ele próprio (CARVALHO, 1998, s/p).

Não é por outro motivo que foi dado tamanho destaque para “as belezas” do nosso Brasil, da natureza a arquitetura; ressaltando, assim, o que temos de melhor como forma de mascarar ou esconder aquilo que nos envergonha. Nesse sentido, é importante destacar uma das estratégias utilizadas para promoção de “uma imagem positiva” da cidade sede. Tal, como em Londres 2012, a abertura não ficou restrita ao estádio: os produtores realizaram um tour pela cidade ao ritmo de “O Rio de Janeiro continua lindo” de Gilberto Gil, que pegou carona nas asas do 14-Bis de Santos-Dumont, sobrevoando os principais

pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro, vendendo assim a imagem passada pela música que tocava.

Ainda na perspectiva de uma visibilidade daquilo que o país tem de melhor em contraposição às suas mazelas, os organizadores se pautaram no destaque aos heróis, que também pode ser apontado como um aspecto coerente com a própria lógica do esporte olímpico. Nesse caso, foi dado destaque para o pioneiro Santos Dumont, reconhecido como o inventor do avião (maior invenção de um brasileiro até os dias atuais), reconhecendo, dessa maneira, seus feitos como dignos de importância para se fazer presente na abertura do maior evento esportivo mundial. Além disso, cabe salientar que Alberto Santos-Dumont foi o primeiro brasileiro homenageado com o Diploma Olímpico por Pierre de Coubertin, em 13 de junho de 1905, que acreditava que este aviador simbolizava princípios essenciais do esporte: “Alberto Santos-Dumont representava o ideal Olímpico, pois buscava constantemente superar os limites, procurando descobrir caminhos que ainda não haviam sido trilhados” (DACOSTA, 2016, p. 15).

Finalizando este tópico, pode-se afirmar que a abertura foi, então, dos Índios às favelas, do jeitinho à gambiarra, do samba ao funk e, surpreendentemente, não abriu espaço para referências ao esporte mundialmente reconhecido como brasileiro, o futebol. Ao invés disso, trouxe à tona entre outras manifestações culturais produzidas em terras Tupiniquins, a capoeira, não somente como maneira de se reforçar a importância dos negros na construção da cultura nacional/carioca, mas como uma possível tentativa de dar um reconhecimento histórico para a arte, que por muito tempo foi recriminada no território brasileiro, por reconhecerem os capoeiristas como sujeitos malandros.

3 AS NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE A ABERTURA DOS JO RIO/2016

Esse tópico do capítulo é destinado a apresentar um relato das observações realizadas, assim como dos registros e comentários produzidos pelos observadores. Assim, a descrição já é fruto de um processo interpretativo dos pesquisadores envolvidos.

A opção foi fazer uma descrição linear dos meios acompanhados, organizados em três blocos, a saber: i) as emissoras de televisão, ii) os portais de notícias na internet e iii) a rede social *Twitter*.



3.1 As emissoras de televisão

Para este estudo, acompanhamos as transmissões das redes de televisão brasileiras Globo, Band, Record e a TVE-1, uma rede de TV espanhola, que funcionou como contraponto às narrativas nacionais, e também como uma forma de captar como foi interpretada a apresentação do Brasil sob um ponto de vista estrangeiro.

Conforme o desenvolvimento da abertura, descrevemos de forma sumária e interligada aspectos mais significativos do relato de cada emissora, respectivamente nas palavras dos jornalistas e convidados de cada uma delas: *Globo*: Marcos Uchôa, Galvão Bueno, Glória Maria e Renato Ribeiro; *Band*: Ana Paula Padrão, Álvaro José e Ricardo Boechat; *Record*: Adriana Araújo, Fabio Porchat e Fernando Scherer; *TVE-1*: Paloma del Río e Amat Carceller.

A cobertura oficial iniciou com uma tomada aérea do estádio do Maracanã, na *Rede Globo* foram realizados comentários sobre a chegada do público, os portões de acesso e das expectativas dos comentaristas sobre a abertura.

Na *Band*, os comentaristas teceram algumas falas com os seguintes temas centrais: da chegada do público, do legado olímpico, enfoque artístico que seria dado ao espetáculo que incluía natureza, humanidade e criatividade (ligada ao jeito brasileiro de ser, do improviso e da gambiara) e ainda enfatizando que o país se preocupa com a preservação ambiental.

Na *Record* falou-se em “Brasil sensacional”, dando destaque não apenas para a cidade do Rio de Janeiro (anfitriã olímpica), mas realçando a grandiosidade da beleza e da cultura do país. A emissora cita a pira olímpica que ficaria na candelária, menciona o mistério de quem acenderia a pira, já que Pelé não estaria presente; comenta que o produtor executivo da abertura diz que a crise obrigou reformulação do roteiro, destacando a “gambiarras” brasileira e a mensagem política sobre mudanças climáticas e sustentabilidade como pontos relevantes na cerimônia de abertura prestes a iniciar.

Na *TVE-1* a comentarista disse que seria um desgosto se as arquibancadas não fossem lotadas em função das dificuldades econômicas vividas pelo Brasil, já que geralmente o público local é maioria em aberturas de eventos como este. Chama a atenção também para a habilidade da gambiarras que os brasileiros possuem, que é um talento em que



conseguem fazer algo grande com quase nada. Com pouco são capazes de produzir música, ritmo e cor.

Para além destes tópicos, vale ressaltar que o Jornal da Record, minutos antes, falou sobre as manifestações em ataque à tocha como forma de protesto aos investimentos para o acontecimento dos jogos diante da crise, não citando a manifestação Fora Temer e nem a repressão policial.

A cerimônia começou pontualmente, com um clip mostrando o Rio de Janeiro, focando na integração com natureza, ao som da música *Aquele Abraço*, interpretada por Luís Melodia. Após esse momento foi anunciado o presidente do Comitê Olímpico Internacional Thomas Bach, na sequência, como de costume, se apresentaria o presidente do país sede, entretanto, mesmo estando presente Michel Temer (presidente interino na ocasião) não é anunciado. Na Globo esse momento foi comentado por Galvão Bueno: *“Isso fere o protocolo porque o presidente em exercício Michel Temer, estava e deveria ter sido anunciado, como em todas as olimpíadas, e não foi apresentado, ou pediu para que não fosse apresentado, quebrou o protocolo”*. A seguir o Hino nacional foi tocado por Paulinho da Viola, enquanto era feito o hasteamento da bandeira por um policial militar. A partir do comentário de Galvão Bueno (globo): *“Heróis do esporte nacional estavam com 50 jovens atletas cantando o hino juntos”*, entendemos quem eram as pessoas que apareciam cantando o Hino. Na TV espanhola a comentarista Paloma del Río diz que o hino nacional brasileiro tem ares de marcha militar e que a interpretação de Paulinho da Viola, um dos grandes expoentes da MPB, iria suavizar esse hino.

Após esse momento foram projetadas células no gramado, representando o início da vida no planeta Terra, compondo esse cenário estavam esculturas gigantes que representam os microorganismos, as bactérias, e as criaturas. Assim, foi possível a formação das primeiras florestas, e dando a entender que o território brasileiro era coberto por uma vasta flora e fauna. Neste momento aparecem os bailarinos de Parintins (Amazonas), representando os povos das florestas. Aos poucos os bailarinos formaram ocas com elásticos, demonstrando um pouco do modo de vida dos povos indígenas. A TV espanhola comenta que a partir de tiras elásticas se recria o nascimento da floresta, o símbolo da vida, a metáfora do nascimento do Brasil. Paloma del Río fala que *“as reservas indígenas ocupam cerca de 13% do território brasileiro e que são áreas bem protegidas, ao contrário de muitos outros países”*. Em relação a esse



comentário, cabe o destaque do que é veiculado internacionalmente e o que ocorre em relação às demarcações das terras indígenas no Brasil. Pois, protestos e reivindicações dos indígenas à respeito da ampliação e proteção dessas áreas são frequentes. A expansão das áreas de plantio visando o agronegócio, por exemplo, tem sido um dos motivos pelos quais a população indígena tem sido afetada. Fatos que a emissora espanhola desconsiderou.

Na continuidade da cerimônia, chegaram os portugueses nas caravelas, neste instante Fabio Porchat (Record) comenta “*Logo vão dizimar todos*”, referindo-se aos indígenas que foram vítimas dos colonizadores portugueses. Depois a chegada dos africanos, neste instante Galvão (Globo) comenta “[...] é uma vergonha que carregamos, uma escravidão que durou quase 400 anos. Economia do Brasil formada a base da mão de obra escrava”, complementada por Glória Maria (Globo) enfatizando que fomos “*O último país a acabar com a escravidão*”. E então chegaram os árabes e os japoneses, Porchat (Record) “*É maravilhoso ver tudo isso, em um momento de tanta intolerância*”. Paloma del Río comenta que “*o Brasil é um país feito de imigrantes de todo o mundo. E tem a capacidade de absorver culturas e integrá-las todas dentro de sua própria cultura criando uma mescla, não excluindo ninguém*”.

Após esta representação foram surgindo com o caminhar de cada povo as modificações e contribuições no território brasileiro, demonstradas pelos diferentes cultivos (o gramado vira agronegócio). Um salto no tempo traz o tema da urbanização, mostrando a construção das cidades, simbolizada com prédios em projeção 3D. Neste momento surgem praticantes de *parcour* saltando de um prédio para outro (sendo possível serem vistos apenas nos telões). Após esse momento surgem prédios feitos com blocos, nos quais bailarinos da Cia Deborah Colker dançam ao som instrumental da música *Construção*, composição de Chico Buarque.

As caixas que formavam as construções se tornam o 14bis e este alça voo pilotado por Santos Dumont (em homenagem) para mostrar a cidade do Rio de Janeiro ao som da Bossa Nova. Após, entra Gisele Bündchen desfilando sobre os projetos de Oscar Niemayer, por 120 metros de passarela, com a intenção de representar as curvas da mulher brasileira, ao som de *Garota de Ipanema* de Tom Jobim.

O espetáculo continua com as vozes do morro, na qual Ludmila canta o “*Rap da felicidade*” acompanhada de bailarinos; depois

aparece Elsa Soares acompanhada de três vocais. Percebe-se que todas seguem o mesmo estilo, salientando características da cultura negra. Na sequência Zeca pagodinho e Marcelo D2 trazem o pagode e o rap. Sobre esse momento Galvão Bueno (Globo) comenta “*São as várias manifestações musicais, partindo da verdade absoluta que são dos bairros mais pobres, das populações mais carentes que nascem os ritmos, que nascem as canções, inclusive as danças que movimentam o planeta*” (35min43seg). Na mesma direção se dá os comentários da TV espanhola, que menciona as favelas como “*os locais mais pobres e desprivilegiados, mas que renunciou viver sem ritmo, sem canções, há danças apesar da vida humilde que levam*”.

Ainda na perspectiva da cultura popular, aparecem concomitantemente a projeção de imagens de um duelo de capoeiristas e as Mc’s Sofia e Karol Conka cantam seu rap de representação feminista, corroborada pelo comentário de Álvaro José (Band) sobre o empoderamento da mulher e da cultura pop.

Este ponto da cerimônia apresenta-se como uma espécie de bricolagem cultural onde representações folclóricas da região norte do país são apresentadas, porém fora de um contexto histórico-temporal como até então ocorreu. O palco é tomado por pessoas com espécies de “*lança-chamas*”, que marcam nas palavras de Galvão Bueno (Globo) o início das disputas presentes em elementos de festas populares brasileiras, e Glória Maria (Globo) complementa que os diretores introduziram o “*nosso folclore*”. Trata-se de uma mistura entre maracatu, disputa entre os bate bolas, tradicional no carnaval brasileiro, e aos poucos vai se transformando em outras danças folclóricas como treme-treme, e o bumba meu boi. Regina Casé entra em cena e chama atenção com a frase “*Estamos aqui para buscar as nossas semelhanças e para celebrar as nossas diferenças*”, que foi repetida em inglês, em seguida chama Jorge Bem que entra cantando sua emblemática composição “*País Tropical*”, chamada por Galvão Bueno de “*nosso hino dançante*”; ao som de Jorge, a câmera da Globo sobe aos céus e mostra uma sequência enérgica de fogos de artifício em torno do maracanã.

Este momento é marcado pelo encontro dos artistas com o público, em que todos se põem a cantar juntos, marcando o encerramento da etapa de apresentação artística do país/cidade sede dos Jogos Olímpicos. Os bailarinos sobem pelas arquibancadas ainda cantando País Tropical, acompanhados por todo o público, Galvão Bueno afirma que isso



nunca aconteceu em nenhuma cerimônia de abertura, e reforça “*esse é o espírito do povo brasileiro*”.

A atenção volta ao palco principal onde caminha solitário um rapaz de mochila nas costas, substituída na tela pela imagem de um mapa mundial interativo mostrando os efeitos do aquecimento global, também de um gráfico que mostra o aumento gradativo da temperatura do planeta com o passar dos anos, do derretimento das calotas de gelo, projeções do aumento do nível do mar, e as consequências disto em algumas cidades conhecidas mundialmente. Nas palavras de Gloria Maria “*Um momento que deixamos de falar Brasil e mandamos nosso recado para o mundo*”.

Volta à cena o menino que está com uma muda de árvore e a planta no chão; nesse momento cenas em vídeo mostram iniciativas de reflorestamento, e Fernanda Montenegro narra “*A flor e a náusea*”, poema de Carlos Drummond de Andrade. A cerimônia encerra com o desfile das delegações que, ao fim da passarela, cada atleta deposita uma semente em uma estrutura com receptáculos, como uma grande estufa, as quais serão plantadas no parque Deodoro². Ao todo foram 12 mil sementes.

A partir dessa descrição inicial, buscamos identificar qual o enfoque dado por cada uma das emissoras em relação a transmissão da abertura dos jogos. Assim, de modo geral, na *Rede Globo*, dentre os profissionais, Galvão Bueno e Gloria Maria foram os que mais se pronunciaram, até por já terem participado de outras narrações de cerimônias de abertura pareceram estar mais à vontade. No entanto houve momentos de tensão, nos quais os dois comentaristas mais antigos discordavam e corrigiam um ao outro, o que pode ser explicado por ter sido uma transmissão ao vivo de grande audiência e pela vontade de descrever os acontecimentos de maneira fidedigna.

De modo geral, nesta emissora as narrações se caracterizaram por falas objetivas, não havendo a presença de proposições críticas ou abordagem cômica, embora em alguns momentos tenham ocorrido comentários mais espontâneos na busca da aproximação e familiarização nos espectadores com o espetáculo. Essas características, dos comentários,

2 O Parque Olímpico de Deodoro ou Parque Radical do Rio é uma das instalações esportivas permanentes construídas para sediar as competições de Mountain Bike, Canoagem Slalom e BMX durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.

permitem deduzir que as falas foram pautadas nas indicações do guia de mídia (*media guide*), tendo em vista a linearidade com que eram tecidos em relação as ações que iam se apresentando, bem como os momentos de silêncio indicados no guia e respeitados na transmissão.

Por sua vez, a *Rede Record* teve a condução dos jornalistas Lucas Coelho e Adriana Araújo e dos convidados Fernando Scherer (Xuxa), ex-nadador olímpico, e do humorista Fabio Porchat, ambos contratados pela Record. A aposta inusitada da emissora parece ter sido a de combinar as narrativas dos jornalistas sobre o que ocorria no Maracanã com depoimentos de um ex-atleta olímpico e com uma pitada de humor.

A estratégia esteve à beira do fracasso, pois os jornalistas-âncoras não conseguiram sair do roteiro fornecido pelo guia de mídia e Xuxa misturava certo nacionalismo-ufanista, alguns tons acima do razoável, com depoimentos pessoais pouco relevantes. Salvava a cobertura o bom humor de Porchat, que aos poucos praticamente assumiu o comando da cobertura, com piadas politicamente corretas e algumas incorretas, na lógica da mídia, como quando ameaçou um “*fora temer!*” no momento em que seu nome foi anunciado – ficou no “*Primeiramente,...*”.

Da metade em diante, nota-se uma mudança significativa no andamento da cobertura, sobretudo para nosso estudo, que investiga possíveis narrativas transmidiáticas. A jornalista Adriana Araújo passa a ler no ar os comentários de telespectadores nos perfis da emissora nas redes sociais, fazendo a narrativa oficial convergir com o discurso proposto pelos telespectadores. A estratégia consagrou o papel preponderante de Porchat, porque a maior parte das postagens lidas interagiu com o humorista, dando a ele mais oportunidades de se destacar e obrigando o ex-nadador a secundá-lo, quando não manter-se em silêncio.

A transmissão da abertura na *TV Band* contou com os comentaristas Ana Paula Padrão, Álvaro José e Ricardo Boechat. Minutos antes do início da abertura os comentaristas teceram algumas falas mais gerais com destaque para a 1ª Olimpíada realizada no hemisfério sul, o legado olímpico (Álvaro José), a segurança do evento (Ricardo Boechat), enquanto os comentários sobre o espetáculo de abertura foram realizados por Ana Paula Padrão, que se refere ao enfoque artístico que seria dado ao espetáculo que incluía natureza, humanidade e criatividade (ligada ao jeito brasileiro de ser, do improvisado e da gambiara) e ainda enfatizando a preocupação do país com a preservação ambiental. Iniciada a cerimônia, percebemos que em vários momentos os comentaristas fi-



cam em silêncio, para além dos momentos indicados no guia de mídia. E, conforme a sequência do guia de mídia, foi anunciado o presidente do Comitê Olímpico Internacional Thomas Bach, em seguida seria apresentado o presidente do país sede, porém mesmo estando presente, Michel Temer (presidente interino na ocasião) não foi anunciado. Os comentaristas nada disseram sobre isso.

Durante o espetáculo a ideia do jeito brasileiro, da gambiarra foi reforçada pelos comentaristas várias vezes, mas também disseram que apesar dos diretores artísticos terem anunciado a presença desse recurso/característica, o espetáculo não pareceu ter improvisos, pois, como comenta Boechat *“Se até agora foi gambiarra, eu estou esperando o momento de alta tecnologia, pois até agora está sensacional, efeito visual magnífico”*. Destacam a beleza dos efeitos das projeções vistas pela televisão. Destacam também arte e a música brasileira e ao final falam da criatividade em relação a interação dos artistas com o público, pois *“É o primeiro espetáculo de abertura de uma olimpíada em que temos essa interação dos participantes com o público”* (Boechat).

A entidade pública *Radio Televisión Española* (RTVE) foi a operadora detentora dos direitos dos JO Rio 2016 na Espanha. A cerimônia de abertura foi transmitida, ao vivo, pelo canal TVE-1 e, as imagens emitidas pelo canal espanhol foram do *worldfeed* da cerimônia. Os comentaristas foram os jornalistas esportivos Paloma del Río e Amat Carceller, presentes no estádio Maracanã. Nos momentos que antecederam o início da cerimônia, os primeiros comentários sobre o Brasil se reportaram ao público que encheu o estádio apesar da difícil situação econômica, destacada por Paloma del Río *“[...] iba a ser un disgusto para todos el ver que no se podían llenar las gradas [...] por la condición económica del país, y la situación aquí, en Río, pues no es muy boyante ni en Brasil como saben todos ustedes”*. Amat Carceller menciona o valor histórico do Maracanã, espaço que abriria os primeiros JO na América do Sul.

Iniciada a cerimônia, os comentaristas destacaram a estreita relação do componente musical com a identidade brasileira. Paloma del Río se refere a gambiarra como *“la habilidad que tienen los brasileños [...] capaz de hacer algo grande de casi nada [...] y de producir música, ritmo y color”*. Amat Carceller complementa destacando a beleza artística da batucada presente no cenário do Maracanã. Outro destaque ocorreu durante o ato da execução dos hinos, no qual Paloma del Río assinala que apesar do *“el himno nacional brasileño tiene aires de marcha militar”*

ele seria interpretado por Paulinho da Viola, um dos grandes cantores da música popular brasileira e que poderia suavizar o tom castrense. Durante a cerimônia Paloma del Río destaca que o país teve sempre “*la habilidad de absorber las culturas e integrar a todos ellos [...] creando una mezcla*”. Por fim, os comentaristas resgatam novamente o valor da gambiarra, que Paloma del Río relaciona com as favelas como “*una de las partes más pobres [...] que no se resignan a vivir sin ritmo sin canciones, sin bailes a pesar de esa vida humilde que llevan*”.

Assim como as emissoras brasileiras, a TV espanhola parece ter se pautado na utilização do guia de mídia. Porém, abordou também questões políticas e culturais, como a fala sobre a crise econômica brasileira, ou sobre o Maracanã ser um patrimônio histórico do Brasil. Isto se justifica, possivelmente, pela necessidade de situar o telespectador espanhol ao contexto cultural brasileiro.

3.2 Os portais de notícias na internet

Portais são sites de internet, cujo objetivo é buscar, reunir e distribuir conteúdos midiáticos de diferentes fontes, sejam elas ligadas a apenas um conglomerado midiático, sejam provenientes de veículos ligados a variados grupos empresariais. Por essa estratégia, o Portal é um ponto de acesso que se propõe a agregar num único endereço editorias de notícias, esporte, entretenimento, cultura, opinião, etc. Obviamente, por ser um grande ponto de congruência dos usuários, o Portal torna-se também um requisitado espaço para a veiculação de publicidade.

No que se refere à divulgação de informações, uma das características dos Portais é a sua agilidade, porque possibilita que estas sejam atualizadas e ampliadas em tempo real. Por conta disso, os Portais assumem, na contemporaneidade, um caminho de grande incidência de acessos. Além disso, a maior parte deles oferece aplicativos (app) para dispositivos móveis, o que possibilita o acesso às informações veiculadas em *tablets* e *smartphones*.

Nesse sentido, reconhecendo a importância dos Portais de internet como fontes de informação, em nossa investigação selecionamos três dos principais Portais do país e um espanhol, cuja escolha decorreu do fato de que: dispõem de editoria de notícias; possuem boa estrutura jornalística própria ou associada a outros veículos dos seus grupos empresariais; costumam destinar espaços generosos para a divulgação de



notícias sobre esporte. A saber: globo.com (<http://www.globo.com/>); UOL (<https://www.uol.com.br/>); G1 (<http://g1.globo.com/>) e Rtv.es (<http://www.rtv.es/>).

A seguir, descrevemos sumariamente as narrativas e estratégias que cada um deles adotou para veicular informações sobre a solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, começando pelo **Globo.com**

O *site* Globo.com corresponde a um portal de conteúdos *online* da rede Globo de televisão, de notícias, programação e aspectos sobre a elaboração de programas da emissora. Através do Globo.com, acessa-se a outros portais do grupo Globo, como G1, globoesporte.com, gshow, globoplay e globosat play.

Considerando a ampla repercussão do portal Globo.com no Brasil como meio de informação *online* mais seguido e o alcance de seus conteúdos, tratou-se de analisar as notícias publicadas no *site* durante a exibição da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Quanto à cerimônia de abertura, foi enlaçada a transmissão televisiva por meio do *site* globoesporte.com. Nesse sentido, nota-se que a cobertura realizada pelo portal Globo.com teve, de modo geral, um viés retrospectivo, destacando os principais fatos ocorridos na cerimônia de abertura, de forma quase imediata ao acontecimento, por meio da publicação de textos, fotografias, vídeos, bem como *links* a outros recursos *webs*.

Quanto à origem dos conteúdos, o público era redirigido para outros *sites* do grupo (globoesporte, G1, O Globo e Época). Nos referidos *sites* se encontravam reportagens e notícias próprias relacionadas com o evento como, por exemplo, a matéria sobre a ausência do anúncio do nome de Michel Temer no discurso de abertura da cerimônia no O Globo. Essa circunstância foi significativa, tendo em vista que tradicionalmente o nome do dirigente máximo do país sede é sempre anunciado juntamente com o do presidente do Comitê Olímpico Internacional. No entanto, na cerimônia dos Jogos do Rio 2016 o nome de Thomas Bach foi a única autoridade mencionada no sistema de megafonia do estádio. Além disso, destacamos uma sessão de imagens procedentes do *site* globoesporte, que ofereceu uma retrospectiva dos melhores momentos da cerimônia.

Por outra parte, entre as principais notícias divulgadas no portal Globo.com, foi possível observar uma ênfase na participação de figuras não esportistas como a modelo Gisele Bündchen. O portal destacou a

presença da referida modelo brasileira, representando simbolicamente a Garota de Ipanema, conforme evidencia o texto a seguir: “... *Gisele surgiu em um vestido longo e brilhante, com um corte exibindo as pernas e “tomou de assalto”³ a passarela do Maracanã. O estádio se enche de graça ao ver a modelo caminhar, num doce balanço em direção a painéis com a imagem de Tom Jobim projetada*”.

Sobre esse momento, se observa como o portal Globo.com mantém uma cobertura que promove a exaltação das celebridades e, ao mesmo tempo, a exploração da figura da mulher brasileira, reforçando a presença de estereótipos como mulher branca, magra, loira, sensual e “produto exportação”.

Em relação aos elementos musicais presentes na cerimônia, o portal Globo.com menciona a interpretação da canção Garota de Ipanema, um dos grandes êxitos da Bossa Nova. Nesse sentido, a representação desse gênero artístico e musical na cerimônia de abertura se destacou na cobertura informativa do referido portal, evidenciando a importância do gênero e de seus intérpretes, entre eles Tom Jobim (relembrado no evento), para a internacionalização da música brasileira.

Considerando os aspectos históricos do Brasil e da cidade sede, o portal de internet Globo.com publicou uma imagem significativa dos primeiros momentos da cerimônia. Concretamente, a figura do brasileiro Santos Dumont, considerado um dos pioneiros da aviação mundial com a recriação de um de seus projetos. Acompanhando essa imagem constava o seguinte texto: “14 Bis de Santos Dumont deixou a festa mais bonita”.

Do mesmo modo, é necessário assinalar como o portal Globo.com através do *site* globoesporte ofereceu o *link* para a transmissão que a TV Globo emitia, ao vivo, da cerimônia. Paralelamente, para interagir com a audiência Globo.com difundiu reações do público por meio das redes sociais *Twitter* e *Facebook* nas páginas oficiais de globoesporte.

Também ligado ao sistema Globo de mídia, o **G1** é um portal exclusivo de notícias, sob orientação da Central Globo de Jornalismo, e disponibiliza o conteúdo jornalístico das diversas empresas do grupo

3 Na cena original, estava prevista a participação de um menino representando supostamente um vendedor, que tentava abordar a modelo, mas era abordado por policiais até a situação se esclarecida pela *top model*. Essa cena foi retirada da cerimônia porque poderia ser interpretada como um assalto.



Globo, contando com contribuições de suas afiliadas, espalhadas por todo o território nacional, além de agências de notícias nacionais e internacionais. Este portal é atualizado 24 horas por dia e, além disso, conta com reportagens próprias, destacando-se pelo seu conteúdo multimídia, ou seja, disponibilizado em formato de texto, áudio e vídeo.

Dadas as suas características como portal que disponibiliza notícias de diferentes fontes, o foco da cobertura não contemplou a apresentação ou descrição da abertura minuto a minuto, mas optou por trazer ao público as repercussões do evento, sobretudo, através dos olhos da imprensa internacional. Dessa forma, o G1 destacou as principais postagens realizadas pelas agências de notícias nacionais e internacionais acerca da cerimônia de abertura dos Jogos Rio 2016.

Esta abordagem pode ser comprovada, por exemplo, na presença do link da Revista Veja intitulado, “festa de abertura da Rio-2016 empolga imprensa internacional”. Ao acessar o link, percebe-se uma ênfase da imprensa estrangeira (New York Times, Washington Post, BBC, La Nación, The Guardian, Associated Press) sobre os ritmos brasileiros que fizeram parte da festa e a presença da modelo Gisele Bündchen, inclusive destacando os atributos físicos da modelo como a parte principal de cerimônia, o talento de Daniel Jobim, a polêmica em torno da invenção do avião e a explicação de termos locais utilizados na cerimônia, como gambiarra e maracatu.

Outros destaques dos Jogos na imprensa internacional foram apresentados por meio do Link “Imprensa internacional destaca cerimônia de abertura da olimpíada”. Desta vez, a atenção se volta para os êxitos da abertura como uma espécie de redenção, tendo em vista as más notícias que antecederam o evento (turbulência política, instabilidade econômica, problemas nas obras da vila olímpica, epidemia do vírus da zika, poluição da Baía da Guanabara). Também é enfatizada a cerimônia como um momento no qual o Brasil esquecia suas feridas e celebrava a sua história, como um momento no qual a crise política ficava de fora do Maracanã, um momento de orgulho para um país que tinha pouco do que se orgulhar nos últimos meses. Outro ponto destacado diz respeito a homenagem feita aos talentos brasileiros reconhecidos internacionalmente como Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Oscar Niemeyer.

Através do *link* do Globoesporte, o portal destaca a escolha do ex-maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima para acender a pira olímpica. Justifica a escolha do corredor tendo em vista o incidente ocorrido

durante a maratona das olimpíadas de 2004, em Atenas, que acabou impedindo o atleta de conquistar o ouro olímpico. Da mesma maneira, ressalta a desistência de Pelé relacionando-a à problemas de saúde decorrentes de duas cirurgias realizadas no quadril, que acabaram afetando sua capacidade de locomoção.

O portal dá destaque para a musicalidade da cerimônia por meio do *link* “Time musical da abertura dos Jogos Rio 2016 laureia a diversidade carioca”. O jornalista Mauro Ferreira apresenta um comentário geral sobre as músicas e artistas que se apresentaram no decorrer do evento, expondo as intenções dos organizadores no que tange a apresentação da diversidade cultural carioca. As descrições são sempre pautadas por muitos elogios e o jornalista termina afirmando que “a trilha sonora do Rio já merece em si uma medalha de ouro pela miscigenação natural, retratada com espontaneidade na histórica cerimônia de abertura dos jogos Rio 2016”.

A abertura dos jogos também foi apresentada no portal por meio uma série de fotos que versavam sobre os principais momentos do evento através do link “Cerimônia de abertura da Olimpíada Rio 2016”. Outro link que apresentava fotografias se intitulava “Brasileiros assistem à abertura da Olimpíada”, dessa vez, destacando os diferentes locais (bares, favelas, hospitais etc.) nos quais foram fotografadas pessoas assistindo ao evento pela televisão.

Por meio do link “Olimpíada: cerimônia de abertura da Rio 2016 gera memes na web”, o G1 destacou os comentários feitos por internautas sobre a cerimônia através da publicação de postagens por meio do *Twitter* e da criação de memes, destacando o fato da *hashtag* #CerimôniaDeAbertura liderar os principais tópicos dessa Rede Social comentados em todo o mundo durante o evento.

Outro ponto que mereceu destaque no portal diz respeito ao fato de Michel Temer ter sido vaiado durante a abertura dos Jogos. O portal salienta que o presidente, naquele momento, interino, já não havia sido anunciado no início da cerimônia junto com o presidente do COI – o alemão Thomas Bach, quebrando o protocolo. O portal se vale de fotos e vídeo para enfatizar o episódio ocorrido.

O G1 disponibilizou os comentários de Fernando Meirelles, cineasta brasileiro co-responsável pela cerimônia, por meio do *link* “Diretor celebra o sucesso da abertura no exterior: ‘pegou muito bem’”.



O diretor comenta que: “a ideia é que essa cerimônia pudesse trazer um pouquinho de volta o nosso orgulho de ser brasileiro. Pelo menos agora à noite parece que esse sentimento voltou”. Mais uma vez a ênfase aponta para os aspectos positivos do evento, como contraponto aos problemas pelos quais o Brasil passava antes dos jogos, sendo que, o efeito de uma grande festa tupiniquim parece objetivar o retorno do sentimento de orgulho de ser brasileiro.

Logo após o evento, o portal G1 apresentou uma descrição completa da cerimônia, ressaltando cada um dos elementos constituintes do espetáculo: os atletas, os artistas, as músicas escolhidas, o ritual olímpico, com ênfase para o acendimento da pira olímpica por Vanderlei Cordeiro de Lima, o entusiasmo do público presente na abertura, o recado de conscientização ambiental enviado para o mundo e as vaias recebidas por Michel Temer. Também fez uma comparação com as cerimônias de Pequim (suntuosa) e Londres (midiática), enfatizando o jeito brasileiro de dar boas-vindas ao maior evento esportivo do planeta através da valorização da cultura brasileira de forma simples e alegre. Nessa perspectiva, o portal disponibilizou uma série de links que apresentavam vídeos com comentários de jornalistas sobre o evento como um todo, a impressão da equipe responsável pela transmissão via TV aberta e o destaque para os comentários de integrantes dos comitês olímpicos de outros países nas redes sociais.

Como um contraponto aos Portais do Grupo Globo, inclusive do ponto de vista regional (aqueles, sediados no Rio de Janeiro, este em São Paulo), o **Portal UOL** (Universo On Line) é ligado ao grupo Folha de São Paulo.

A cobertura da cerimônia de abertura dos jogos Rio 2016 pelo UOL se valeu de uma descrição pontual ao vivo, minuto a minuto, dos principais fatos ocorridos de acordo com o roteiro previsto para a cerimônia. As postagens sequenciais apresentavam alguns dos personagens presentes na abertura dos jogos e traziam poucos detalhes sobre as diferentes apresentações e personalidades do evento. Também não foram perceptíveis ênfases, críticas e ponderações acerca das escolhas feitas pelos organizadores do evento para representar a cultura brasileira e carioca durante a abertura dos jogos.

Metodologicamente, o portal UOL realizou a sua cobertura com base na alimentação da página com postagens pontuais descritivas,

cuja ênfase apontou para os artistas, as apresentações na “parte cultural” do espetáculo e aspectos referentes ao protocolo do evento. A fim de proporcionar aos internautas uma melhor compreensão dos fatos, foram postadas algumas imagens da cerimônia. Também contou com breves comentários do jornalista responsável pela cobertura e, a fim de propor certa interação com internautas, os administradores do portal optaram por reproduzir postagens pontuais do *Twitter*.

No que tange às postagens realizadas no intuito de descrição do evento, tem-se os seguintes exemplos quanto aos artistas e apresentações: “*Vídeo inicial mostra o Rio visto de cima ao som da música ‘aquele abraço’ de Gilberto Gil*”; “*Daniel Carlos Jobim, neto do compositor Tom Jobim, canta a bossa nova: Garota de Ipanema. A modelo Gisele Bundchen se desloca pela ‘passarela’ do Maracanã*”; “*Marcelo D2 e Zeca Pagodinho cantam ‘Deixa a vida me levar’*”; “*A funkeira Ludmila canta ‘Rap da felicidade’. É a representação do funk na cerimônia de abertura*”; “*Karol Conka e MC Soffia cantam um tributo ao empoderamento das mulheres e da contribuição do povo negro na cultura brasileira*”; “*Jorge Bem Jor canta ‘país tropical’. 1500 bailarinos enchem o palco. O público canta nas arquibancadas*”.

Sobre a descrição dos aspectos da constituição da cultura brasileira representadas na cobertura, aponta-se como exemplos: “*Pindorama, em tupi-guarani, significa terra das palmeiras – forma como o Brasil era chamado pelos índios*”; “*Ocas, que representam a morada dos índios em Pindorama, são criadas com elásticos*”; “*A partir de agora são representadas as imigrações dos povos árabes e japoneses*”; “*A chegada de escravos africanos mostra o início da diversidade do povo chamado de ‘brasileiro’*”; “*A chegada dos europeus no ‘território desconhecido’ é representado por três navios*”; “*Santos Dumont decola com o primeiro avião do mundo – o 14 bis. O aviador faz um voo pelo Rio de 2016*”; “*Com praticantes de parcour, projeções em 3D mostram o início das metrópoles. É o início das grandes cidades*”; “*As danças regionais brasileiras são representadas com o treme-treme e o bumba-meu-boi*”.

Visando ilustrar a abertura para aqueles que a acompanhavam pelo portal, foi utilizada como estratégia a disponibilização de imagens dos diferentes elementos artísticos da cerimônia. Como exemplos, podem ser citadas imagens dos artistas, assim descritas: “*Paulinho da Viola canta o Hino Nacional no início da abertura da Rio 2016*”; “*Funkeira Ludmila durante a cerimônia de abertura do Rio 2016*”; “*Modelo Gisele Bundchen desfila na maior passarela da sua vida na cerimônia de abertura do Rio 2016*”.



Também foram utilizadas imagens referentes ao protocolo dos Jogos como: *“Fogos de artifício marcam o início da abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016”*; *“Símbolo da paz é projetado no centro do estádio do Maracanã na abertura do Rio 2016”*; *“O presidente Temer não foi anunciado com Thomas Bach, comandante do COI”*; *“Bandeira do Brasil é hasteada durante a cerimônia”*; *“Torcedores iluminam o Maracanã com seus celulares”*. Outras imagens apresentadas versaram sobre elementos culturais representados em performances artísticas, como: *“Santos Dumont é homenageado na cerimônia de abertura. Performance envolve o primeiro avião do mundo 14 bis”*; *“Três navios marcam a chegada dos europeus no país”*.

Rodrigo Mattos, jornalista responsável por alimentar a página do UOL ao vivo, fez alguns comentários pontuais no decorrer da abertura dos Jogos Olímpicos. No que tange ao protocolo do evento podem ser citados como exemplos: *“Começa a cerimônia com alguns lugares vazios no meio do campo”*; *“Protocolo previa que o Presidente Michel Temer seria anunciado e não foi, apenas o presidente do COI Thomas Bach foi anunciado”*. O Jornalista se valeu de comparações entre as aberturas do Rio 2016 e de Londres 2012: *“Cerimônia de abertura muito calçada em referências da cultura brasileira, assim como a de Londres faria com a Britânica. Ambas são bem ricas. A diferença é que a britânica é mais conhecida do mundo”*; *“Em Londres os cenários entravam e se modificavam. No Rio as mudanças ocorrem com as projeções. As projeções se casam muito bem com as cenas produzidas”*. Também destacou o fato de um poema nacional ser recitado em português e inglês: *“A flor e a náusea, poesia de Carlos Drummond de Andrade, é recitado pelas atrizes Judy Dench (em inglês) e Fernanda Montenegro (em português)”*.

Com relação às postagens realizadas via Twitter e reproduzidas no portal, preponderantemente foram lançados comentários de internautas pautados em demonstrações de entusiasmo, emoção e certo orgulho quanto ao evento: *“Gente, que abertura apaixonante”*; *“Já comecei chorando nessa abertura das olimpíadas! Com esse hino e bandeira”*; *“Eu tô gritando com essa cerimônia de abertura. Essa projeção 3D já me fez chorar.”*; *“Impossível não se encantar com essa abertura.”*; *“Que baita cerimônia de abertura. Rio me surpreendendo mais uma vez!”*; *“Podem falar o que quiser, mas é a abertura de Olimpíada mais linda da história”*; *“Eu tô adorando essa abertura!”*; *“Não quero que a abertura acabe!”*; *“Deu até vontade de estar na abertura das olimpíadas, tá muito legal e lindo”*. Também foram reproduzidos comentários que versavam sobre uma comparação com a abertura

da Copa do Mundo da FIFA em 2014: *“Na abertura da copa não fizeram nada disso. Só jogaram a Cláudia Leite lá, vestida de Galinha Pintadinha”; “Quem tá comparando com a copa não entende que abertura de copa nunca é assim, em nenhum país”*. Apenas um comentário dava ênfase aos aspectos culturais do Brasil apresentados durante a cerimônia: *“Abertura mostrando o porque o Brasil é um país tão miscigenado...E infelizmente ainda existe tanta gente preconceituosa que não entendo”*.

O portal **Rtve.es** faz parte do serviço público de rádio e televisão espanhola e constitui o principal portal de internet do grupo. Trata-se de um sítio *web* que conta com diferentes seções como notícias, televisão, rádio, esportes, entre outros. A partir de **Rtve.es** é possível acessar aos conteúdos oferecidos por programas como *A la carta*, *El tempo*, *Radio*, *Infantil* ou *Deportes*. Conforme dados de audiência em 2016, **Rtve.es** foi o terceiro portal de notícias espanhol mais visitado. Nesse sentido, considerando a realização dos Jogos Olímpicos, o referido portal modificou sua apresentação, sendo estruturada especialmente para dar a máxima atenção informativa ao evento.

Em relação a cobertura da cerimônia de abertura, o portal **Rtve.es** divulgou os principais fatos do evento tanto em seus momentos prévios como posteriores, de forma quase imediata ao acontecimento. Paralelamente, no início da cobertura da cerimônia se informava aos usuários que os Jogos podiam ser acompanhados tanto através dos serviços informativos de televisão no *link* da transmissão que TVE1 emitia ao vivo, bem como por meio radiofônico RNE, todos vinculados ao meio público.

Em relação ao conteúdo veiculado pelo portal **Rtve.es**, foi publicado previamente ao início da transmissão televisiva, os comentários dos jornalistas Paloma del Río e Amat Carceller sobre o evento, destacando que se faria uma homenagem a história do Brasil. Além disso, o *site* espanhol mencionou posteriormente como a cerimônia *“llega al histórico Maracanã con una temática que gira en torno a la historia de Brasil”*. Na reportagem publicada quase imediatamente ao início da celebração de abertura, o enviado especial para o meio *online* Rubén Heras relata como *“pasando por los indígenas, los portugueses y los esclavos, la ceremonia de inauguración de los Juegos de Río nos ha mostrado un fabuloso repaso a la historia de Brasil”*.

Igualmente, na *web*, comenta-se como o percurso aéreo de Santos Dumont, que dava início a cerimônia *“fue el paso perfecto para empezar a*



contar la historia de Brasil... 72 indios amazónicos procedentes de Parintins, que tejieron unas grandes redes antes de la llegada de los navíos portugueses desde el viejo mundo... y terminaron con la llegada de los esclavos desde África". Todos esses, segundo o portal Rtve.es, deixaram suas marcas na história do país sede. Paralelamente, complementa-se a matéria por meio de um *link* que dá acesso a imagens da cerimônia através da aplicação Lupa del Lab, própria do portal Rtve.es.

Quanto a parte relativa aos discursos oficiais, o portal Rtve.es mencionou a circunstância de como *"Michel Temer, que sustituye a Dilma Rouseff, fue silbado por el público brasileño y su discurso se limitó a dar por inaugurados los Juegos"*. Trata-se do momento político mais significativo, que afetou o desenvolvimento da cerimônia e que foi destacado pelo site.

Rtve.es mencionou em momentos prévios à cerimônia a presença de uma grande quantidade de música como um dos elementos mais importantes do evento. Na continuação, destacou a participação na festa de abertura de *"los grandes de la música del país como Caetano Veloso y Gilberto Gil, entre otros"* e juntamente a esses ícones também se refere a aspectos musicais mais populares e locais como o acompanhamento de *"400 percussionistas de las principales escuelas de samba de Río"*. Nesse contexto, já nos primeiros momentos da cobertura do evento, o jornalista espanhol Rubén Heras destacou como *"la música, desde la samba hasta el funk, acabó envolviendo de carnaval a Maracaná"*. E assinala especialmente como *"la alegría llegó de la voz de Gilberto Gil, Caetano Veloso y Anita"*, que serviram de *"aquecimento"* para a chegada do fogo olímpico ao estádio. Por outro lado, o portal refere-se como, imediatamente após a cerimônia, os Jogos Olímpicos do Rio começaram com uma batucada, componente musical igualmente representativo de Brasil, reforçando como: *"la fantástica tradición musical que acabó envolviendo a todo Maracaná, desde la samba al hip-hop. Los ritmos de las favelas pusieron a bailar a todo el mundo. Allí nació la samba y ahora salta desde allí el funk"*.

Assim, a cobertura jornalística sobre a cerimônia explica de maneira específica três grandes momentos musicais como se destaca a seguir. De um lado, chama a atenção para a mescla musical de gêneros atuais, como quando:

Resultó inolvidable a interpretación del Rap da Felicidade, ese himno de las favelas cantado por la cantante Ludmilla. Le siguieron Elza

Soares con Canto de Ossanha y canciones de pop, samba y funk en una batalla entre el rapero Marcelo D2 y el cantante de samba Zeca Pagodinho (Rtve.es, 2016)

Outro momento frisado pelo portal Rtve.es foi quando Jorge Ben Jor cantou País Tropical, um samba que podia ser o hino do país e que acabou sendo cantado a capela junto aos espectadores presentes no Maracanã. Por último, conclui com referência a célebre canção Garota de Ipanema, que foi interpretada pelo neto de Tom Jobim, acompanhado da entrada da modelo Gisele Bündchen.

O portal Rtve.es destacou, de forma especial, a referência ao Maracanã como lugar emblemático e ícone do esporte brasileiro e carioca, assim como o ineditismo de acolher pela primeira vez na história a pira olímpica fora de um estádio olímpico.

Por fim, para reforçar as informações sobre a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, era possível seguir o evento através dos canais oficiais de RTVE presentes nas redes sociais como *Facebook* ou *Twitter*. A partir desses recursos, eram incorporadas a cobertura do evento realizada pelo portal e as reações do público durante a cerimônia em forma de comentários.

3.3 A rede social *Twitter*

O *Twitter* é uma ferramenta de comunicação social, popularmente identificada como uma Rede social, que permite a seus participantes enviar e receber atualizações de seus contatos através de mensagens com até 140 caracteres. Esta ferramenta possibilita que seus usuários a utilizem como um microblog, para comentários pontuais sobre o cotidiano e a divulgação de informações. Devido ao limite de caracteres a ser utilizado por postagem, o compartilhamento de *links* para páginas da *web* e a utilização de imagens e memes costuma ser uma prática constante no *Twitter*.

O interesse em acompanhar esta rede social se dá por observarmos que pesquisadores⁴ têm utilizado essas ferramentas para pesquisas que visam analisar a interação social nas redes. Interações estas que podem girar em torno de interesses comuns e possibilitar a organização social

4 Ver, por exemplo, estudos do Laboratório sobre imagem e cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenado pelo Professor Dr. Fábio Malini.



por meio do chamado “ciberativismo”, como por exemplo, nas manifestações ocorridas no Brasil no ano de 2013, mobilizadas por grupos como o “Movimento Passe Livre”. Esta rede social também favorece a realização de comentários sobre as informações transmitidas pelos grandes meios de comunicação, em uma interação transmídia, por meio de críticas, correções, acréscimos de elementos não contemplados na informação divulgada, enfim, como meio de complementação de narrativas a partir das contribuições dos receptores da informação.

Nessa perspectiva, acompanhamos as interações no *Twitter* ao longo da cerimônia de abertura dos jogos olímpicos Rio 2016 a partir das *hashtags* #aberturaolimpiadas2016, #cerimoniadeabertura, #so-mostodosolimpicos, que foram os termos oficiais criados para divulgar o evento no *Twitter*. No entanto, ao longo da abertura observou-se que as *hashtags* #BR2016 e #calabocagalvao se destacaram no *Twitter* atingindo o *Twitttopics* (assuntos mais comentados) e, portanto, também passaram a compor nosso objeto de estudo.

Ao levarmos em consideração o objetivo de verificar a construção de uma narrativa transmidiática sobre a parte artística e cultural da cerimônia de abertura, propusemos uma análise preliminar dos *tweets* postados ao longo do evento, no intuito de apontarmos temáticas que pudessem agrupar as principais interações por parte dos receptores acerca do evento televisionado. Dessa maneira, foram elencadas as seguintes palavras-chaves: a) Meio ambiente, b) Nacionalismo, c) Crise/corrupção, d) Cultura brasileira/carioca, e) História do Brasil, f) Talentos artísticos/criatividade, g) Michel Temer e h) Crítica aos comentaristas.

Com relação ao *Meio Ambiente*, as postagens realizadas ao longo do evento contemplaram aspectos como o reforço da mensagem de preservação ambiental que pautou a abertura dos Jogos: Adrian @adredu6 “Recado sobre o pedido de socorro do mundo”; Brasil 2016 @Brasil2016 “O #Rio2016 chama atenção para o planeta”; “Se a temperatura global aumentar 4 graus C, o nível do mar aumenta e perderemos cidades costeiras”; “Aqui, um alerta ao consumo do planeta”; Luiggi Menezes @LuiggiMenezes “O pulmão do Mundo , alertando sobre o aquecimento global!”; Jandson Araújo @JandsonProdutor “Um pouco de realidade para o mundo. Aquecimento global, futuro incerto!”.

Também foram realizadas críticas com relação às metas ambientais propostas como melhorias para a cidade sede dos jogos: Marcelo

Freixo @MarceloFreixo “Nem o que fizeram na Baía de Guanabara, Lagoa de Jacarepaguá, nem compensação de carbono foram suficientes”; “Nenhuma meta de despoluição foi cumprida para as Olimpíadas”. “Quem dera a responsabilidade socioambiental da abertura dos Jogos se tornasse realidade no Rio”.

Dentre outros comentários ligados ao meio ambiente pode ser destacada uma crítica aos empresários, tendo em vista os investimentos a serem realizados numa perspectiva sustentável de desenvolvimento: Luciano Santos @Lucianosdasilva “Essa com certeza será a parte que os capitalistas esquecerão dessa cerimônia, a que tenta mexer com o bolso deles”. Também foi contemplado nesta temática um elogio à mensagem ambiental do evento: Adriana Santos @adrianaosantos “Mensagem ambiental de alto nível. Arrepiei com a voz da Fernanda Montenegro. Texto primoroso”.

Sobre o *Nacionalismo*, foram perceptíveis postagens com características de afirmação do orgulho de ser brasileiro tendo em vista a grandiosidade do evento: Leticia Bernardes @leticiabernades “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, mas que beleza!!!”; Joao Pereira @Joaojperez “Agora é no meu País”; GabeSimas @gabesimas “Já levamos ouro nesse Olimpíada... Você não acham?”; Camila Nakagawa @CamilaMTV “Always proud to be Brazilian, but especially today.”; Eduardo López @eduardoouedu “Que lindo, que orgulho, que Rio maravilhoso.”; Tatiana Faustino @DamTatiana “é o país da alegria, país de povo feliz. Temos que mostrar nosso melhor.” Mariana Passos @_marianapassos “Essa abertura é a maior prova que o melhor do Brasil é o brasileiro”; babygirl BODY SAY @lovatocamzinha “o brasil está fazendo algo inédito”.

Outros comentários realizados em uma perspectiva nacionalista fazem menção ao fato dos sujeitos se sentirem orgulhosos do país devido à qualidade apresentada no evento, embora critiquem o mesmo país por seus problemas: Vinícius @tommoskyfalls “A gente fala mal do Brasil mas no fundo ama esse país e sente muito orgulho”; saninha @jaurgy “Apesar de tudo eu me sinto muito orgulhosa de fazer parte disso”; falsiane @naosejatruxa “reclamar nois reclama mas é cada orgulho q nois tem”; Nany @nany2863 “A gente xinga, briga, odeia de coração mas nesta hora #SomosTodosBrasil”; Idols Follow Help @PIDolsFHHelp “Claro que poderíamos ter usado o dinheiro dessa festa para muitas coisas que estão pendente no país! Mas está lindo”.



Acerca da *Crise e Corrupção*, os comentários realizados foram marcados pela ênfase nas muitas qualidades do país a serem destacadas, apesar da corrupção manchar a imagem do país em âmbito internacional: Eduardo A. Hübler @EduardoAHubler “Até presente momento, a abertura das #olimpiadasbrasil2016 está simplesmente sensacional! Fora a política, temos do q ter orgulho”; Ale Ale @AlemoiraX “oh vey se nao fosse esses políticos corruptos e essa bandidagem nosso país seria foda”; Bete Ruffo @BETE_RUFFO “Emocionadissima Meu Brasil mostrando que aqui tema MUITO mais que roubos”; Erick Santos @Ericks4ntos “Bem-vindos ao país das olimpíadas, q passa por um golpe de Estado!”.

Também podem ser destacados comentários sobre a crise econômica, as desconfianças sobre a capacidade do Rio de terminar as obras a tempo dos jogos e a redenção da cidade que realiza uma grande abertura apesar das adversidades: Weslâny @WeslanySantos “O país tá fudido mas a abertura tinha que ser das megas”; DonaLuciaHexa @DonaLuciaHexa “Brasil é o país mais esquizofrênico q existe, fez tudo errado durante a preparação e no fim faz a melhor abertura”; Justin Bieber @undeurcoverse “Brasil ta uma merda mas essa abertura foi maravilhosa”; l a c e r d a @ACarol7escn “E eu pensando que iria ser um desastre essa abertura”; Gefferson Fernandes @GeffersonAF “E houve boatos que estávamos na pior, se isto é estar na pior, pourrãnn”.

No que diz respeito à *Cultura Carioca/Brasileira*, os comentários se relacionam aos aspectos referentes ao destaque de elementos da cultura nacional/local na narrativa do evento e o fortalecimento de aspectos específicos da cultura da cidade sede nas performances artísticas. Nesse sentido, foram apresentadas algumas críticas: Valdete Santos @ValVau “A olimpíada é NO Brasil ou DO Rio de Janeiro”; Estação Privada @daryllook1 “O Brasil é tão rico de beleza e só vai mostrar favela carioca”.

Outro aspecto está relacionado à identificação da cultura carioca como central na construção da narrativa: ana ☒ @i_wannabeyours “tô esperando mostrar as favelas né... Pq Brasil não é só copa cabana...”; Brasil 2016@Brasil2016 “O pontapé inicial da #CerimoniaDeAbertura foi homenagem à Cidade Maravilhosa!”; DINIZ, Bruno @BHDiniz “Valeu Galvão, vai ter samba sim! Vamos aguardar a bateria das escolas de samba”; Gui @guisilva12CP “Virou sambrodomo..so pode”; Gabs Blair @PiruDaGaga “Eu sou carioca, eu sou funk, eu sou samba, eu sou



favela, eu sou feliz”; Carla Garay @CarlaBGaray “Agora eu quero sambar!!! Adoro capoeira”.

Também foram perceptíveis manifestações afirmativas de orgulho da riqueza da cultura nacional: freedom,,, @larrysuave “e com essa abertura mostramos que o brasil tem muita força e cultura, que não somos só samba, bunda, carnaval e futebol”; Dirceu Tito Antunes @dirceutito “Toda nossa Cultura representada!”; Amanda Marinho @amandampmarinho “Maracatu nas olimpíadas” Vitória Vianna @VitoriaVianna “Isso é pra vcs aprenderem a pararem de idolatrar a cultura dos outros e idolatrem a de vcs!!!!”; pedro brasileiro @pedrooneto “Brasil mostrou toda a sua cultura sem esconder nada, mostrou seus estilos musicais e eu só sei sentir orgulho do Brasil”.

No que tange a *História do Brasil*, foram identificados comentários que abordaram os elementos históricos do país, tanto no que se refere a elogios pela proposta apresentada, como acerca de críticas quanto à representação feita no evento. Em se tratando dos aspectos positivos: Adriana Santos @adrianaosantos “O início da nossa história... Belas imagens”; Vitor Santos @jornalistavitor “Pindorama: o início da vida. Depois de 500 anos, nós ainda mantemos o jardim do mundo!”; “O encontro de nativos, europeus e africanos marcou o nascimento do nosso Brasil!”; Dirceu Tito Antunes @dirceutito “Nossas origens, descendências, mostradas através das crianças, cada uma de uma “raça”!”.

Com relação às críticas: Edson Junior @edjunni “De acordo com a abertura das olimpíadas o Brasil só tem índio e favela”, Valdete Santos @ValVau “agora na Abertura, vão mostrar a matança dos índios brasileiros????”; Jorge Wakabara @wakabara “Que bela dramatização do encontro entre o índio e o homem branco. Esqueceram do sangue em cima dos indígenas, né”; Vitor Santos @jornalistavitor “4 grupos representam os 400 anos da escravatura no Brasil”; Leonardo Sakamoto @blogdosakamoto “Se fosse indígena, exigia homologação das terras pendentes amanhã mesmo aproveitando o “espírito” da #Cerimonia-DeAbertura”; “Justiça seja feita, a Glória Maria falou de “invasão” portuguesa no Brasil”.

Sobre os *Talentos Artísticos e a Criatividade Brasileira* foram realizados os seguintes comentários: Giovanni Carlo @GiovanniCarlo “Sobre abertura dos jogos olímpicos: #olimpiadasbrasil2016 muito foda, brasileiro quando quer é muito competente.”; Rejane Alves (Re) @rejaalves



“Simplesmente de queixo caído olhando a abertura das #olimpiadas-brasil2016 ! Orgulhosa da nossa criatividade!”.

As performances artísticas foram elogiadas: EDUARDO @Ahhuugo “Karol Conka Rainhaaaaa mostra o poder da mulher Negraaaa”; DINEY MONTEIRO \o/ @WillemenE “Outro ponto alto é a trilha sonora da abertura. O melhor que temos (graças,sem Funk nem sert. universitário) Lindo”; Brasil 2016 @Brasil2016 “Por onde @giseleofficial anda, ela deixa um rastro que forma as linhas de Niemeyer.”; Brasil 2016 @Brasil2016 “Nosso hino, lindo e poético, apresentado por Paulinho da Viola. Isso é puro Brasil, gente! Isso é #Rio2016”!.

Com relação a *Michel Temer*, as postagens realizadas se referem ao fato do presidente interino, na ocasião, não ter sido anunciado juntamente com o Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, quebrando o protocolo do evento. Nessa perspectiva foram identificados os seguintes comentários: Gleice de Freitas @GleiceFreitas “Procurando no chão a cara de Michel Temer por não ter sido citado na abertura das #olimpiadasbrasil2016”; MSubcomandante @MSubcomandante “#foratemerolimpico temer além de traidor é cagão!...”; Jovem Pan @portaljovempan “Houve uma quebra de protocolo e o nome do presidente interino, Michel Temer, não foi citado na cerimônia”; Dilma Bolada @diIImabr “O golpista pediu pra não ser anunciado... hahahahahahaha”.

Uma última temática se refere às *Críticas aos Comentaristas* durante a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos, que destaca as críticas dos receptores em relação às coberturas realizadas pelas diferentes emissoras, tendo em vista a postura de seus comentaristas. Nesse sentido, identificamos os seguintes comentários: eduardomenocio @eduardomenocio “Alguém fala pro Porchat ficar quieto pra eu ouvir em paz a abertura das #olimpiadasbrasil2016”; Guilherme @ddrunkabeyo “Vamos ouvir e prestar atenção.” E os comentaristas não param de falar!; Dilma Bolada @diIImabr “Ai meu Deus, não acredito que a Gloria Maria e Galvão Bueno vão ficar falando em cima dos vídeos de apresentação...”; Luís Vabo @luisvabo “Galvão não se preparou, está lendo o script, narrando o óbvio, tirando parte da graça”; Luís Vabo @luisvabo “Galvão quer adiantar as surpresas da cerimônia !! Esse cara tem que aposentar”; Alessandro Alcântara @Ale_Alcantara “Tá todo mundo caído vendo a #CerimoniaDeAbertura, menos o Galvão, a Glória Maria

e o Uchôa”; Laiane Kadrisi @laianeka “Quem convidou esse @galvaob ??? Fala Por cima das partes mais importantes”; Lara @Laraavieiraf “Galvão, já tá bom cara, eles já estão narrando em 3 línguas! Você não precisa narrar a narração”; AILTON BASTOS @ailton_pcd “Ele quer improvisar, mas só se enrola”; Fortuation @N3N31M “O Galvão tá achando que brasileiro não sabe diferenciar e entender coisas básicas ou é impressão minha?”; Adamari Depetris @Adamari_rd “O Galvão Bueno tem que ficar dando spoilers, parece criança”; Jaques Oliveira @JaquesJr “Mudei pra Band. Não dá pra assistir nada com o Galvão”.

4 REFLETINDO SOBRE DIÁLOGOS INTERMIDIÁTICOS

Nosso maior esforço, até aqui, foi o de descrever, com exemplos recortados dos discursos acompanhados, de que formas os três meios selecionados para produção de dados da pesquisa (televisões, portais e rede social) construíram suas narrativas midiáticas sobre a cobertura da solenidade de abertura dos JO Rio/2016.

A partir daí, foi possível perceber que, embora descritos linearmente, isto é, cada meio individualmente e em sequência, subjaz um certo diálogo intermidiático entre eles; consideramos que isso seja normal, tendo em vista que se trata de um mesmo fenômeno factual referente que pauta os discursos dos agentes - a própria solenidade de abertura dos JO Rio/2016! Além disso, ainda que não citado pelos jornalistas nem pelos usuários do *Twitter*, há também um roteiro onipresente, que funciona como pano-de-fundo comum, orientando, como vimos, as falas e até os silêncios da mídia tradicional, que é o guia de mídia do COLJO.

Neste tópico, nos propusemos a olhar para os dados do campo de forma transversal, visando a encontrar neles algumas recorrências de significados e, por certo, outras tantas contradições. Tudo isso na expectativa de que os diálogos nos ajudem a compreender, por um lado, quais os temas que se mostram mais relevantes nos discursos observados e, por outro, como essas evidências se revelam ou não como elementos da convergência midiática referida por Jenkins (2009).

Como primeiro movimento, foi elaborado um quadro em que, através da técnica de leitura e construção de categorias do método de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), foram criados agrupamentos de passagens recortadas dos discursos analisados, representados por palavras-chaves.



Uma nova e mais aprofundada leitura desse material organizado nos permitiu avançar para a identificação de categorias, grupos mais sólidos, coesos e consistentes de referências do campo, que são desenvolvidas na sequência, fazendo-se uso da técnica de inferência, igualmente oriunda do método de Análise de Conteúdo.

As categorias a serem desenvolvidas a seguir são: i) sustentabilidade e meio ambiente; ii) política; iii) história, iv) nacionalismo , v) empoderamento feminino , vi) cultura brasileira/carioca.

4.1 Sustentabilidade e meio ambiente

A sustentabilidade foi um dos eixos do conjunto das atividades que compuseram a programação das solenidades de abertura dos JO Rio/2014.

Um plano de desenvolvimento sustentável dos Jogos Olímpicos passou a ser, desde 2010, de forma oficial, uma das ações obrigatórias previstas nos projetos de candidatura dos países que desejam sediar os Jogos. O Brasil e o Rio de Janeiro, até mesmo em virtude da imagem internacional do país e da cidade, preocuparam-se em oferecer um projeto ambicioso nesse sentido⁵. Entre outros aspectos, a abertura dos JO conteve várias ações, ainda que bastante limitada à sua dimensão ambiental.

O conceito de sustentabilidade tem sido paulatinamente ampliado na atual sociedade global. Em suas formulações iniciais, numa perspectiva biológica, desenvolvimento sustentável estava relacionado exclusivamente à conservação/preservação do ambiente natural. Dizia respeito a como estabelecer relações produtivas que não agredissem a natureza.

Na década de 90 do século passado, inclusive com a contribuição da ECO 92 (por coincidência, realizada no Rio de Janeiro), que gerou a Agenda 21, sustentabilidade passou a ser associada também à uma dimensão econômica, isto é, com o aumento da eficácia na produção para a redução do consumo de recursos naturais, como água e combustíveis fósseis. Por fim, a partir do chamado *Triple Bottom Line*, proposto por Elkington (cf. BRONDANI; MARQUES, 2017), a sustentabilidade passou a prever também o desenvolvimento social, visando garantir que todos os cidadãos possam se beneficiar igualmente dos avanços produzidos.

5 Ver, por exemplo, <https://www.rio2016.com/sustentabilidade/>

Nessa lógica, um desenvolvimento sustentável é “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades”⁶.

Na abertura dos JO Rio/2016, o que se viu foi uma narrativa oficial que alertava para a necessidade de a causa ambiental ser assumida por todos, sob o risco do desmatamento, do aquecimento global, da poluição dos mares, etc. O país e a cidade-sede se apresentaram como guardiões desses tesouros naturais e esse eixo da abertura culminou com a distribuição e plantio de milhares de sementes por parte dos atletas. Os aspectos econômico e social do desenvolvimento sustentável se fizeram presentes, apenas, em alguns discursos de algumas autoridades, como o de Carlos Nuzman - Presidente do Comitê Rio 2016 - e de Thomas Bach - Presidente do Comitê Olímpico Internacional.

Nos suportes midiáticos acompanhados pela pesquisa, foi grande a repercussão a respeito do eixo de sustentabilidade e meio ambiente da abertura dos Jogos. As televisões nacionais, de maneira geral, reproduzindo o que estava escrito no Guia de Mídia, destacaram a inclusão da preocupação ambiental (tratada por alguns como sustentabilidade) na abertura como um recado, um alerta ao mundo que os Jogos Olímpicos (e o Brasil) estariam fazendo. Nele, as mudanças climáticas e suas consequências para os países foram os aspectos mais destacados. A TVE não tratou especificamente da questão ambiental, mas no comentário relativo ao fato dos indígenas brasileiros ocuparem 13% do território nacional, destacou que essas áreas seriam bem preservadas, diferentemente de em outros países. Mesmo sabendo que essa porcentagem indicada sobre a área ocupada pela população indígena no Brasil pode ser significativa se comparada a de outros países, a narrativa da TVE não extrapolou seu comentário sobre a situação delicada e vulnerável que a população indígena vive em nosso país. O que pode ser explicado pelo fato desse tipo de informação não gerar “bons” olhares sobre nós.

Entre os portais, poucas referências à questão da sustentabilidade e do meio ambiente foram identificadas, mesmo no G1 que fez o que chamamos de cobertura pós-evento, isto é, concentrado nas repercussões da abertura na mídia internacional. A diversidade cultural da formação do povo brasileiro e a diversidade musical foram os aspectos

6 Cf. Relatório Brundtland, referido por Brondani e Marques (2017).



mais referidos. O recado da necessidade de conscientização ambiental mundial e a poesia “A flor e a náusea (de Carlos Drummond de Andrade), recitada em inglês e português, respectivamente pelas atrizes Judy Dench e Fernanda Montenegro, foram as ações relacionadas ao meio ambiente observadas nos portais acompanhados.

No *Twitter*, vários usuários da rede social destacaram, com ênfase, o acerto da inclusão do eixo ambiental na abertura, alertando para os problemas decorrentes da não conservação, da poluição, etc. Consideraram significativo o alerta que os Jogos e o Brasil fizeram para o mundo. Mas é também daquela rede social que vieram as principais críticas, sobretudo quanto a: 1) distância entre o discurso e a prática; 2) desconsideração dos aspectos econômico e social como integrantes do desenvolvimento sustentável.

O descumprimento de várias metas ambientais dos Jogos, como a despoluição da Baía da Guanabara e das lagoas da Barra da Tijuca, a implantação do campo de golfe em área de preservação ambiental, entre outros, foi lembrado nos *tweets*. Da mesma forma, o descuido com as questões relativas a responsabilidades sociais dos Jogos, como as ocupações arbitrárias de áreas de ocupação urbana de populações empobrecidas, e a ganância dos empresários, interessados apenas em lucrar com a realização dos Jogos, empreiteiras à frente, igualmente foram destacados pelos usuários do *Twitter*, fazendo assim uma espécie de contraponto com o discurso oficial reproduzido pelas demais mídias, em relação ao que foi apontado como o eixo ambiental de sustentabilidade da solenidade de abertura dos JO Rio/2017.

De fato, esses dois aspectos apontados nas críticas dos usuários do *Twitter* são de extrema relevância e deveriam estar presentes na cobertura da mídia empresarial, mas se entende porque não estavam. A mídia empresarial, sobretudo o oligopólio do sistema Globo, é altamente comprometida com os interesses do capital. Não foi à toa que, desde o primeiro momento da candidatura do Rio para sede dos JO de 2016, a mídia oficial justificou os investimentos públicos, que foram se avolumando, como uma grande janela de oportunidades para o desenvolvimento urbano e econômico, com perspectiva de lucros fartos para vários setores da iniciativa privada, “parceira” dos organizadores.

No entanto, para além da imensa dívida contraída e até hoje não equacionada pelo comitê local (COLJO), as denúncias de desvios, propinas, superfaturamento, falta de transparência, dispensa de licitações,

etc. também foram ganhando visibilidade, resultando na produção de inúmeros equipamentos esportivos abandonados ou subutilizados e a “quebra”, literalmente, das finanças do Rio de Janeiro, cujos últimos governadores estão presos ou denunciados. No aspecto social, além da crítica à forma arbitrária e desumana com que milhares de famílias foram removidas de suas moradias, prática denunciada fartamente em vários documentos de entidades, como o Observatório das Metrôpoles (SANTOS JR.; GAFNEY. RIBEIRO, 2015), cabe uma reflexão crítica sobre os principais beneficiários das intervenções urbanas decorrentes da preparação da cidade do Rio de Janeiro para os JO. Da observação da distribuição geográfica dessas benfeitorias, quase todas em áreas nobres ou de interesse de expansão (e especulação imobiliária) da cidade, percebe-se que as populações mais empobrecidas pouco ou nada tiveram de benefícios. Não há melhorias de infraestrutura, como transporte, habitação ou saneamento, que tenham impactado favoravelmente tais comunidades. Por outro lado, a perspectiva de lucro do capital, no curto e médio prazos, essa está preservada.

Ao lermos o guia de mídia, percebemos que a intenção foi de se fazer uma abertura em que a mensagem de sustentabilidade ultrapasse o campo das ideias, mas que se materializasse na maneira de se organizar os cenários, os figurinos, enfim, a estrutura do evento em seu todo, parece ter sido o desafio da criação à execução deste espetáculo específico. Exemplificamos, ao encontrarmos a explicação de que os atletas no início da cerimônia ganhariam uma semente e um cartucho com terra, no qual plantariam e as depositariam em torres, as quais seriam levadas para o Parque em Deodoro, com a intenção de formar a Floresta dos Atletas, a qual seria considerada um dos legados (ambientais) dos Jogos para o Brasil.

Outro aspecto que aparece no Guia, fala sobre a constituição da Pira Olímpica, a qual quebrou com a tradição de caldeiras com grande volume de fogo, o que foi intencional, no sentido de reduzir a emissão de gases e mais uma vez trazer um exemplo concreto da sustentabilidade. Porém ao assistir ao espetáculo e ao ver as imagens aéreas, conseguimos perceber a quantidade enorme de fogos de artifício que compuseram a cerimônia, e os quais, não trouxeram nenhuma explicação sustentável nos guias e por consequência nem na narração dos comentaristas. Esse fato faz pensar que mesmo que muitos elementos



tenham sido pensados dentro de uma lógica da sustentabilidade, essa se faz complexa e desafiadora, dentro de uma cerimônia de abertura e ainda mais na estruturação da vida no planeta. Assim sendo, reconhecemos que esta mensagem se faz importante e o destaque dado a ela é necessário em tempos de exploração desenfreada dos recursos naturais, gerando a escassez dos mesmos, o que potencializa o surgimento de condições extremas de vida.

4.2 Política

Com relação à política, dois principais assuntos estiveram em pauta durante a cerimônia de abertura, presentes tanto nas coberturas realizadas pelas emissoras de TV e Portais na *web*, quanto no âmbito do *Twitter*: os temores de problemas quanto à realização dos Jogos tendo em vista um contexto recentemente marcado pela corrupção e por uma crise econômica e política, e a quebra de protocolo representada pelo não anúncio de Michel Temer no início do evento.

No ano de 2016 o Brasil enfrentava um verdadeiro turbilhão na esfera econômica devido aos reflexos da crise mundial desencadeada em 2008 nos EUA e Europa, na época chamada de “marolinha”, mas que acabou batendo forte a partir de 2015 na realidade brasileira, como o verdadeiro tsunami anunciado pelos economistas na época. Tal fato resultou na queda da produção industrial, numa paralisia do setor da construção civil, na diminuição da oferta de crédito para o consumo, com reflexos imediatos em muitas outras áreas como o comércio e setor de serviços. O nível de desemprego ultrapassava a marca de 10 milhões e uma série de medidas impopulares - um temido pacote de maldades, que jogava a conta da crise econômica nas costas dos trabalhadores, entrou em pauta no congresso nacional (reforma trabalhista, lei da terceirização, a PEC do teto de gastos públicos, reforma da previdência). Foi neste momento que um grupo político (PMDB, PSDB, DEM) alinhado aos interesses dos principais representantes do capital nacional se articulou para tomar o poder e dar início à implementação do pacote de maldades, culminando no “golpeachment” de 2016, às vésperas dos Jogos Olímpicos.

Tal contexto levou à uma série de desconfianças quanto à capacidade do Brasil sediar os jogos olímpicos, pois além da turbulência política e da instabilidade econômica que estampavam as principais

manchetes nos noticiários internacionais, o Rio de Janeiro ainda enfrentava problemas ligados à poluição da Baía de Guanabara e atrasos na entrega das obras para o evento, especialmente no que tange à vila olímpica que abrigaria os atletas de todo o mundo.

Inclusive um dos aspectos mais comentados na abertura dos Jogos, ligado à estratégia de produção do evento, ou seja, a gambiarra, está relacionado à necessidade de ser criativo utilizando poucos recursos. Em outras palavras, investir na realização de uma cerimônia bonita, porém simples. Se nos propusermos um exercício comparativo com as aberturas dos Jogos de Pequim 2008, extremamente suntuosa, e com os Jogos de Londres 2012, com muitos elementos tecnológicos, é plenamente perceptível as influências do momento econômico pelo qual o país passava na elaboração do roteiro e na escolha dos materiais e performances para a abertura da Rio 2016.

Por isso a cerimônia de abertura dos Jogos Rio 2016 parece ter se constituído em uma verdadeira redenção do país em face à miríade de más notícias que circundavam a realização do evento, num claro elogio à capacidade de grandes feitos pelo país, exaltando a sua criatividade, seus talentos artísticos e a riqueza de sua cultura, colhendo manifestações de orgulho, como foi possível verificar em diversas postagens no *Twitter*, num momento em que os sentimentos predominantes eram a vergonha em face a corrupção que manchava a imagem do país em âmbito internacional e a incerteza do futuro tendo em vista a crise. Inclusive foi destacado que a cerimônia obteve uma repercussão positiva na imprensa internacional, como destacado pelo portal de notícias G1, constituindo-se em uma grande abertura apesar das adversidades, um momento de orgulho em um panorama extremamente conturbado.

Tendo o peso dos fatos recentes sobre as costas, como um Chefe de Estado, acusado de golpista, claramente tendo seu nome envolvido em uma série de esquemas de corrupção, com o índice de popularidade mais baixo da história do Brasil, se comportaria frente a um estádio lotado e diante de câmeras que veiculavam imagens do evento para todos os continentes? A resposta dada pelo presidente, interino na ocasião, foi evitar as vaias do público, supostamente solicitando que seu nome não fosse anunciado juntamente ao do presidente do Comitê Olímpico Internacional.

De fato, tradicionalmente a abertura dos Jogos olímpicos tem início com o anúncio da presença do Chefe de Estado do país sede e da



autoridade máxima do COI, seguido pela execução do Hino Nacional do país sede. Como “estranhamente”, o nome de Michel Temer não foi anunciado, embora sua imagem estivesse presente nos telões do Maracanã e em todas as telas espalhadas mundo afora, isso gerou certo alvoroço tanto nas coberturas realizadas pelas TVs e Portais quanto no *Twitter*. No primeiro caso, foi encarada como uma quebra de protocolo tendo em vista que, por estar presente ao evento, Temer deveria ter sido anunciado juntamente com Thomas Bach; e no segundo caso, compreendido como um gesto de covardia por parte do Chefe de Estado.

Mesmo se valendo de tal subterfúgio, Temer não ficou imune às vaias e aos gritos de “Fora Temer!”, como destacado na cobertura da TV Record e enfatizado na cobertura do Portal UOL, embora em menor escala do que deve ter sido previsto pelo próprio presidente e sua equipe. O mais interessante é notar como essa estratégia parece estar atrelada a um possível “jeitinho brasileiro” de tentar esconder as feridas abertas no Planalto Central na seguinte aposta: sem vaias, sem crise! Uma gambiarra à parte!

4.3 História

Do ponto de vista dos aspectos históricos apresentados na Cerimônia de abertura dos Jogos Rio 2016 e contemplados nas coberturas investigadas e no *Twitter*, obtiveram destaque a constituição do povo brasileiro a partir das contribuições de indígenas, europeus, africanos e asiáticos e a forma como tais povos foram representados; a urbanização do Brasil e, especificamente, do Rio de Janeiro; e a polêmica em torno da invenção do avião.

Com relação aos povos nativos da América do Sul, que “habitavam” Pindorama antes do “descobrimento” do Brasil, nas coberturas das TVs e Portais os aspectos referentes à criatividade na utilização dos elásticos para a formação das ocas e das projeções para ilustrar a contribuição dos nativos para a constituição do país foram os pontos mais destacados. Inclusive a chegada dos portugueses ao Brasil e a interação com os legítimos donos da terra foi representada de uma maneira “pouco conflituosa” e sem qualquer comentário por parte da maioria dos citados meios. Inclusive, na TV Espanhola apenas foi dado destaque para o fato das reservas indígenas no Brasil serem bem protegidas e ocuparem 13% do território nacional. Apenas um comentarista da

Record, em tom irônico, afirmou: “logo vão dizimar todos”. Todavia, no *Twitter*, os telespectadores fizeram questão de ressaltar alguns elementos ocultados nas representações expostas ao mundo, questionando em que momento seria mostrada a matança dos índios, ironizando a bela dramatização do encontro entre portugueses e índios que se esqueceu do sangue em cima dos indígenas, e trazendo à tona a questão da homologação das reservas indígenas.

A mesma postura parece não ter sido verificada com relação aos escravos africanos e seu papel fundamental para a economia no Brasil Colonial, sendo os quase 400 anos de escravidão descritos, por exemplo, na cobertura da TV Globo como uma vergonha que carregamos, tendo destaque o fato do Brasil ter sido o último país a abolir a escravidão, somente em 1888. Estranhamente, no *Twitter* as representações da escravidão na Abertura dos Jogos não foram alvos de crítica, tal qual aconteceu com a relação entre índios e portugueses.

Sobre a chegada dos árabes e japoneses, destacou-se na TV Espanhola o fato do Brasil ser um país de imigrantes, que absorve contribuições e características de diferentes culturas sem excluir ninguém. Da mesma maneira, na Rede social investigada, foram perceptíveis comentários no sentido de reforçar a diversidade e a grandeza da cultura nacional a partir da contribuição dos diferentes povos que escolheram o país para viver.

A urbanização do país é apresentada com o nascimento das grandes cidades e com um destaque para as favelas e seus habitantes que tanto contribuíram para a construção de uma cultura carioca. Também se destaca o surgimento do agronegócio, tendo em vista a sua importância para a economia nacional, por meio da exportação de grãos e carnes.

Interessante que o destaque dado no evento ao 14 Bis de Santos Dumont, na perspectiva de reforçar uma “conquista nacional” apresentando-o ao mundo como o inventor do avião, acabou tendo pouco destaque nas TVs e Portais, assim como no *Twitter*, praticamente passando despercebido.

4.4 Nacionalismo

Nacionalismo é uma categoria sócio-antropológica de análise bastante recorrente nos estudos das ciências humanas. Refere-se a um sentimento de pertencimento que pressupõe lealdade e devoção à nação,



expressando assim a crença na existência de certas características comuns a uma comunidade, compreendida como um conjunto de pessoas que tem compartilhado, normalmente, um mesmo território, tradições, língua, cultura, religião ou outros interesses comuns.

Do ponto de vista histórico-social, o nacionalismo é uma ideologia que surgiu com a Revolução Francesa, entre o final do século XVIII e o início do XIX. Para Hobsbawm, o nacionalismo como ideologia antecede os Estados-Nação, como a França e a Itália, e designava o pensamento de grupos ideólogos da burguesia emergente que defendiam a expansão territorial e se manifestavam contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas. No decorrer dos séculos XIX e XX, o nacionalismo esteve atrelado a movimentos racistas na Europa, como a eugenia e o nazi-fascismo, assim como ao neocolonialismo de ocupação e exploração na África e na América.

Atualmente, visões bastante deturpadas e exacerbadas de um certo nacionalismo étnico o tem associado a movimentos separatistas e xenófobos. Outro sentimento que pode ser associado à categoria nacionalismo é o ufanismo, como uma compreensão de superioridade, de perfeição, que produz um sentimento de patriotismo ingênuo, levando a supervalorizar aspectos considerados como positivos e a negar quaisquer críticas ao que é “nacional”.

O nacionalismo está presente em diferentes manifestações culturais das nações. Uma dessas manifestações em que o nacionalismo pode ser observado é no campo dos esportes, notadamente quando envolvem grandes eventos internacionais, como Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Nestes casos, em vista das suas grandes proporções e visibilidade global, o nacionalismo costuma ser empregado pelos meios de comunicação de massa envolvidos na cobertura jornalística, constituindo-se num tipo de enquadramento comum, usado pelo discurso midiático-esportivo para mobilizar sentimentos de identidade e de pertencimento em as suas audiências.

Nos estudos empreendidos pelo LaboMidia/UFSC sobre mídia e esporte, sobretudo aqueles que observaram coberturas de grandes eventos esportivos, tem-se constatado o emprego da categoria nacionalismo; sobretudo, a televisão aberta tem sido pródiga em apelar a tal sentimento para construir suas narrativas.

Na pesquisa sobre a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas na mídia impressa catarinense (PIRES *et al.*, 2010), o nacionalismo esteve

presente na categoria *dialética global-local*, por meio da qual os jornais de Santa Catarina narraram para seu público local o evento mundial através dos atletas catarinenses participantes do mesmo.

Pesquisa cujo objetivo foi analisar a cobertura jornalística esportiva brasileira dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007 (PIRES, 2009) pretendia compreender os principais elementos socioculturais utilizados para construir o discurso midiático-esportivo. Entre outras dimensões extraídas do material empírico recolhido do campo (programas jornalísticos televisivos, portais de notícias e jornais impressos e *on line*), destacou-se a categoria do nacionalismo, não apenas como característica presente no discurso técnico-esportivo e nos elogios à organização do evento, mas sobretudo na estratégia de “nacionalizá-lo”, já que o mesmo continha características muito regionais, no caso, cariocas, que criavam dificuldades para a sua “venda” a patrocinadores paulistas, por exemplo.

Em outro estudo do grupo, com base no conceito de agendamento midiático-esportivo, investigamos como os preparativos para a realização da Copa do Mundo FIFA Rio/2014 seriam veiculados na cobertura da Copa da África do Sul/2010 (PIRES, 2011). Nele observamos que o futebol brasileiro e a capacidade nacional de realizar um grande evento, a partir do verificado no Pan Rio/2007, construíram um discurso fortemente marcado pelo nacionalismo, sobretudo na cobertura produzida pelo Jornal Nacional da Rede Globo.

O Brasil e o sentimento de pertencimento e nacionalismo também estiveram em foco da cobertura jornalístico-televisiva dos Jogos Olímpicos de Londres/2012 (PIRES; LISBOA, 2015), por conta do fato até então inédito de que a exclusividade dos direitos de transmissão ser da TV Record e não da Globo. Operando através do conceito de enquadramento, investigamos como os principais telejornais das duas emissoras, além do Jornal da Band, tratavam jornalisticamente a participação das equipes e atletas brasileiros. Embora um pouco menos do que poderia sugerir a cobertura exclusiva que fizera dos Pan Americanos de Guadalajara, dois anos antes, ainda assim foi possível perceber que o nacionalismo se constituiu numa estratégia de enquadramento do telejornalismo da Record, sobretudo no capítulo de investigou o futebol olímpico masculino.

Na presente pesquisa, sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro/Brasil, era de se esperar que a



cobertura midiático-esportivo também se utilizasse dessa estratégia para suscitar o sentimento de pertencimento dos seus consumidores. E não foi diferente.

Nas palavras sempre ufanistas de Galvão Bueno (TV Globo), por exemplo, desde os atletas, alçados à condição de “heróis do esporte”, entoando o hino nacional, até mesmo a “gambiarra” termo com o qual os coordenadores da abertura rebatizaram o “jeitinho” brasileiro, tudo serviu para enaltecer o nacionalismo como marca registrada do país naquele momento. A ideia de que a tal gambiarra ou jeitinho brasileiro tinha sido bem sucedida também esteve presente nas expressões maravilhadas do jornalista Ricardo Boechat, na Rede Band. Na Record, o ex-nadador olímpico e agora comentarista Fernando Scherer (Xuxa) abusava do recurso ao nacionalismo, expressando em depoimentos pessoais, baseados na sua experiência como atleta, sua satisfação com a grandiosidade do evento - não só da abertura, mas também dos equipamentos esportivos e da vila olímpica. A TVE, espanhola, por suposto, não fez uso do nacionalismo, mas não escapou também de, em certa medida, “glamourizar” ingenuamente as favelas empobrecidas do Rio de Janeiro, destacando os seus ritmos, canções e danças, com as quais seus moradores expressariam sua alegria (!).

Já nos portais, a presença do nacionalismo foi mais discreta. Ainda assim, alguns textos disponíveis ressaltaram as belezas do país expressos na solenidade abertura, começando pelo destaque dado pelo *globo.com* à modelo Gisele Bündchen, que representou a beleza da mulher brasileira eternizada no clássico Garota de Ipanema. No portal *G1*, a ênfase foi nas notícias internacionais que repercutiram a abertura dos JO. E os termos são bastante ufanistas: “festa da abertura empolga imprensa internacional”! Ao ponto de destacarem ser a trilha sonora da abertura, por representar a diversidade cultural brasileira, merecedora de uma medalha de ouro especial! Nas palavras reproduzidas do coordenador da abertura, cineasta Fernando Meirelles, “a cerimônia trouxe de volta o nosso orgulho de ser brasileiro!” No portal *UOL*, a atualização permanente da página não abriu muitos espaços para sentimentos nacionalistas. No entanto, no espaço reservado pelo portal à interação com o público via *Twitter*, pode-se perceber manifestações explícitas de nacionalismo, com postagens de comentários que expressavam a emoção de ver os símbolos culturais nacionais sendo cultuados, ao ponto de

ser considerada, por alguns, como a abertura de olimpíada mais bonita de todos os tempos!

Aliás, foram também nessa mesma direção muitas das postagens nas *hashtags* acompanhadas no *Twitter* pela pesquisa que podem ser relacionadas a essa categoria (nacionalismo). Vários usuários da rede social teceram comentários elogiosos à beleza da abertura, com suas escolhas musicais, cenários, coreografias e símbolos nacionais ressaltados, demonstrando seu amor ao país e orgulho com a condição de serem brasileiros.

Obviamente, a categoria nacionalismo não pode ser compreendida de forma independente das demais aqui elencadas, sobretudo aquelas que encerram diferentes críticas a aspectos políticos e econômicos e às contradições entre o discurso e prática, por exemplo, em relação à sustentabilidade ambiental e ao respeito aos povos indígenas. Mas é mister reconhecer que, diante da magnitude da solenidade de abertura multiplicada pela mídia e também do fato de cada um ver-se nela representado em diferentes dimensões do nacionalismo ali mobilizadas, o sentimento de pertencimento e de amor ao país não teria como deixar de ser despertado, já que esse era, de fato, um dos objetivos do evento, segundo seus próprios organizadores.

4.5 Empoderamento feminino

Outra categoria identificada neste estudo, a partir do cerimonial de abertura dos jogos olímpicos de 2016, foi intitulada de empoderamento, expressão que se fez presente nos comentários feitos nos canais midiáticos abarcados nessa pesquisa.

A expressão “empoderamento” surgiu, a partir da década de 70, nos textos de Paulo Freire ao defender a importância das minorias oprimidas tomarem consciência do valor de si e de seu poder. O termo, assim como a ideologia, popularizou-se na última década em meio às lutas sociais e políticas por relações de gênero, de raça e de etnia mais justas e equânimes. Assim, o empoderamento feminino ganha força enquanto movimento. Referindo-se às mulheres, o significado do termo pode ser facilmente entendido como sinônimo de feminismo, marcado principalmente pela luta das mulheres na equidade social, econômica e de gênero. A expressão tem origem no movimento feminista, porém, empoderamento vem nomear um movimento de tomada de consciência



coletiva no sentido de fortalecer, encorajar e tornar as mulheres confiantes, na medida em que conhecem e reivindicam coletivamente seus direitos. Buscam tomar consciência de suas potencialidades e realizar ações que mudem sua realidade em direção à dignidade e equidade entre os seres humanos, sejam mulheres ou homens.

Em 2010, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres)⁷, criou os Princípios de Empoderamento que tem o intuito de oferecer orientações de como delegar poder às mulheres em diferentes esferas da sociedade como, no ambiente de trabalho, no mercado de trabalho e na comunidade. Esses princípios versam sobre a liderança e participação política sensível a igualdade de gênero, oportunidades iguais e não discriminação, fim da violência contra mulheres, oferecer educação e capacitação, promover o engajamento comunitário.

Por toda a expressividade que o movimento feminista vem conquistando nos últimos anos, durante a abertura dos jogos olímpicos do Rio, a expressão empoderamento feminino esteve presente em diferentes meios os quais cobriram a cerimônia. Durante comentários na TV Band ao se referir às apresentações de rap com suas letras marcadamente feministas cantadas por mulheres, marcando o empoderamento da mulher na cultura pop. Identificamos também comentários nos portais Globo.com e UOL, em que mencionaram a exaltação, o empoderamento da mulher brasileira, mas lembraram que a mulher ainda sofre com explorações de vários tipos. Isso vem a corroborar com a ideia desenvolvida por Beauvoir (1970) quando afirma que “ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta” (p.14).

À mulher está dado o desafio do direito a igualdade entre os seres humanos, para então poder ser singular. Não raro presenciamos a mulher inferiorizada em relação aos homens em diferentes âmbitos como no trabalho, no esporte, na política, na arte ou mesmo na família, visto suas características compreendidas tradicionalmente, como por exemplo, fragilidade, receptividade, passividade.

7 <http://portuguese.wepinciples.org/>

Na cerimônia de abertura dos Jogos a presença do rap com as MC's Sofia e Karol Conka fez ecoar a voz feminina ao cantarem “*tá vendo esse chão que você pisa, construído por nós que fomos esquecidas...* (Toquem os tambores, Mc Sofia e karol Conka)”, enquanto capoeiristas dançam no palco, remetendo-se ao papel das mulheres, em especial das mulheres afrodescendentes na formação do Brasil como nação, fato inegável à luz da construção cultural e social do Brasil. Noutro trecho da música as MC's cantaram, “*se liga só no empoderamento, respeite nossa luta e o nosso movimento (...) todas somos guerreiras, coloque a mão pra cima. Somos vencedoras e só somos vencedoras* (Toquem os tambores, Mc Sofia e Karol Conka)”.

As mulheres estiveram presentes também na voz de Anitta e Ludmilla, cantoras e funkeiras que levam as vozes das mulheres, dos menos favorecidos que habitam as favelas e da diversidade aos holofotes das mídias sociais e TV's. Porém, como destaca Bonfim (2015, p.14), a autorrepresentação feminina que vem sendo difundida por meio do funk carioca suscita diversas “polêmicas e discussões tanto entre as camadas mais conservadoras quanto entre algumas feministas”. Assim, a presença marcante das mulheres em relação a ideia de empoderamento que se fez presente na abertura abriu a possibilidade de críticas às letras de funk nas falas dos comentaristas, já que muitas letras são machistas e de desvalorização da mulher. O cerimonial de abertura não trouxe ao palco apenas o funk carioca (um estilo musical que ganha força nacionalmente), mas destacou o poder da mulher na sociedade, conclamando a todas a união, a atenção as causas da mulher.

O empoderamento ou o tomar poder sobre si, é possível entre os grupos que tem menos atenção na sociedade, como, por exemplo, os negros e mais ainda, a mulher negra. Estas, ao empoderarem-se, buscam ações de mudança de suas realidades menos favorecidas. A presença forte da mulher negra, durante a cerimônia de abertura foi destaque principalmente no *Twitter*, enfatizando as cantoras e letras de rap cantadas por Karol Conka e MC Sofia. Nessas, a força e a resistência do movimento da mulher negra se evidenciam por meio da música.

De fato, estiveram presentes cantoras negras de várias gerações, seja cantando samba ou rap elas marcaram a presença da mulher negra forte, que se posiciona, que sabe seu valor e importância social. Em outros momentos houve a representação da mulher brasileira, ora



por meio da sensualidade das dançarinas negras de funk, ora “embranquecidas” como se referem Rial e Grossi (2016) pelo desfile da modelo Gisele Bündchen ao som da música “Garota de Ipanema”.

Assim, percebemos que a presença aparentemente equilibrada de artistas homens e mulheres durante a abertura buscou a representatividade de ambos na sociedade, ressaltando em diversos momentos a diversidade cultural e multirracial que constitui o povo brasileiro.

4.6 Cultura brasileira/carioca

Trataremos aqui de um dos temas mais representativos no contexto do evento de abertura dos Jogos Olímpicos, a Cultura Nacional do país anfitrião. Assim sendo, a Cultura Brasileira entra em voga na discussão, o Brasil se dispôs a mostrar suas características para o mundo por meio de um apanhado que resumiu 517 anos em 45min, de modo que, estava na mão dos produtores escolherem os aspectos culturais que representariam melhor o Brasil. Bosi (1992) coloca que:

[...] estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes (1992, p.38).

Esta afirmação do autor nos mostra que a cultura brasileira é muito mais do que a tradicionalmente retratada em muitos dos estudos, na qual o Brasileiro é caracterizado por um povo “bem-humorado, simpático, boa-vida, piadista, preguiçoso, gosta de samba, chopp, praia, mulher e carnaval” (BARBOSA, 1992), esta pode ser uma caracterização de um determinado povo em um determinado tempo, mas que nos ajuda a ter um caminho para a identificação dos sujeitos.

A abertura da Rio/2016 mostrou para o mundo e para nós brasileiros que o Brasil é muito mais do que o divulgado diariamente pelos meios de comunicação. Durante o evento de abertura “descobrimos” que os ritmos musicais no Brasil existiam antes mesmo da chegada dos portugueses, de modo que os produtores nos ajudaram a lembrar que a “teias de significados” (GEERTZ, 1989) do brasileiro estava sendo formada antes mesmo do mito fundacional da sociedade moderna brasileira.

Os diretores ao fazerem seus recortes acertaram em muitos momentos, pois como visto nas transmissões das redes de TV, a cultura brasileira esteve presente em muitos outros aspectos, ao mesmo tempo que esteve presente a caracterização tradicional do povo brasileiros, aquele caracterizado nos trabalhos do antropólogo Roberto DaMatta, que teve como figura central o carioca. Aspecto que foi observado num dos comentários na rede Record ao se referir a cultura brasileira diversificada e não compreendida somente a partir da cultura carioca. Identificamos que esse aspecto teve repercussão também no *Twitter* em que as declarações dos usuários elencaram algumas das manifestações da cultura brasileira como o samba, a capoeira, o maracatu, e exaltaram o Rio como cidade maravilhosa, mas também houve quem questionou sobre as olimpíadas serem do Rio ou do Brasil, num tom de crítica à cerimônia de abertura ao retratar a cultura carioca.

Em vários momentos houve menções à cultura brasileira nas falas dos comentaristas no decorrer da abertura. Os comentários na Globo se referiram as várias manifestações musicais, a retratação do Brasil em que aparecem os bairros pobres, onde nascem muitos ritmos canções e danças que movimentam todo o planeta, as festas populares, e se referiram à música “País Tropical” como nosso hino dançante. Na Band os comentários foram sobre a arte e a música brasileira, assim como, frisaram a criatividade característica do brasileiro presente por meio do improviso, da gambiarra, que esteve presente também durante a realização da cerimônia de abertura.

A gambiarra ou o jeitinho brasileiro como também é conhecido, é a atitude de flexibilidade diante das situações que surgem inesperadamente. O modo como o brasileiro, em geral, lida com situações do cotidiano que não estavam planejadas, com desafios que aparecem no caminho, mas que com criatividade e disposição encontra um meio de resolver, mesmo que apenas momentaneamente. A falta ou os poucos recursos e a necessidade de avançar, faz da gambiarra uma atitude bem conhecida dos brasileiros, o que pode revelar uma habilidade, uma qualidade ou um sentimento de inferioridade, de que temos frequentemente que lidar com circunstâncias que nos exigem alguma resposta ou ação de última hora.

Essa característica foi citada também pela Record, assim como pela RTVE. A TV espanhola também destacou a cultura brasileira caracterizada a partir da música, do ritmo, das danças. Nos portais os



comentários seguiram de forma semelhante em relação à cultura brasileira, retratando os brasileiros como um povo simples e alegre e a contribuição dos negros na formação da cultura.

Foi destaque tanto a formação do povo brasileiro miscigenado a partir dos índios, dos Portugueses, dos negros, não esquecendo os árabes e orientais, quanto o destaque para as favelas e a cidade, numa mescla entre riqueza e pobreza que se pode observar com a presença de Tom Jobim e Diogo Nogueira, Caetano Veloso e Ludmila, Paulinho da Viola e Anitta, Gisele Bündchen e Wilson das Neves. Retratando o Brasil da desigualdade, da diferença, que constituem nossa cultura.

Estas características de um Brasil miscigenado culturalmente apresentado na abertura forjou uma fuga do esperado, com a não presença do futebol, e o samba carioca dando espaço para outros ritmos musicais presentes na sociedade brasileira contemporânea. O estranhamento de uma “nova” imagem do brasileiro pode ser observada nas falas dos comentaristas das emissoras e portais, mas também nas falas dos espectadores que produziam informações através de suas redes sociais, dados esses que serviam também para uma análise e reconstrução das transmissões institucionalizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os exercícios de descrição, interpretação e análise procedidos em relação ao material empírico produzido pela pesquisa de campo, chegamos ao momento de concluirmos esse relato/capítulo, que tratou da cobertura midiática da solenidade de abertura dos JO Rio/2016. Para tanto, nossas considerações finais são apresentadas a seguir, organizadas em três blocos, de acordo com seus propósitos, a saber; i) centralidade de aspectos culturais destacados nas performances artístico-culturais da solenidade de abertura; ii) sumarização das narrativas midiáticas das televisões abertas, portais de internet e rede social; iii) diálogos intermediáticos observados à luz da cultura da convergência.

Como afirmamos na introdução do texto, a parte da abertura destinada às *performances artístico-culturais* dos Jogos Olímpicos (SANTOS, 2012) pretende apresentar um determinado recorte da história e da cultura da cidade/país sede. Trata-se, como vimos, da tentativa de se apresentar ao mundo a partir de uma narrativa de si, destacando alguns aspectos que se deseja torná-los mais visíveis. Assim é que, na abertura

dos JO Rio/2016, na narrativa sociocultural e histórica empreendida pelos organizadores, o Brasil foi apresentado como uma nação jovem e progressista; acolhedora e grata aos imigrantes que ajudaram a povoar seu extenso território; alegre, mesmo convivendo com muitas mazelas sociais e econômicas; sem grandes problemas de discriminação de raça, gênero e orientação sexual; preocupada e comprometida com a sustentabilidade ambiental; e, sobretudo, uma nação essencialmente musical, cujos artistas, dos mais variados gêneros, consagram em suas canções o amor pelo país. Naquilo cuja interpretação do roteiro pudesse gerar ambiguidades, o guia de mídia generosamente distribuído, tratou de tirar quaisquer dúvidas e indicar o entendimento pretendido.

A cerimônia de abertura, em que pese as dificuldades financeiras alegadas pelos seus organizadores, a ponto de introduzirem a expressão “gambiarra”, como sinônimo do popular “jeitinho brasileiro”, para ressaltar que determinados limites foram enfrentados e solucionados com criatividade, foi considerada grandiosa, eloquente, vibrante e emocionante, tanto pelo público nacional quanto internacional.

Por certo, várias das características evidenciadas pela cerimônia de abertura sobre a cultura carioca/brasileira são verdadeiras e refletem traços importantes da brasilidade. A questão da musicalidade, por exemplo, se mostra efetivamente como um dos destaques da nossa cultura. Ainda que, graças à indústria cultural, nossos meios de comunicação e, por conseguinte, grande parte dos consumidores se atenha mais a gêneros e ritmos pobres e essencialmente comerciais – que são muitos por aqui –, é justo reconhecer que, desde há muito, compositores, músicos e cantores brasileiros costumam se destacar na cena artística internacional – às vezes mais fora do que no próprio país –, sendo reconhecidos pela sensibilidade e sua criatividade.

No entanto, quanto às outras características destacadas pelo roteiro da solenidade de abertura, cabem muitos questionamentos. Apesar de cronologicamente jovem, a nação brasileira é herdeira (ou refém?) de uma cultura íbero-portuguesa cujos traços mais evidentes podem classificá-la, por seu conservadorismo, como um país precocemente envelhecido, cujos hábitos moralistas decorrentes dos pressupostos judaico-cristãos herdados do catolicismo e inflacionados pelo neopentecostalismo crescente negam e mesmo se mostram refratários a quaisquer avanços culturais e nos costumes. A intolerância aos considerados



“diferentes”, sobretudo os homossexuais, demonstra sobejamente esse envelhecimento precoce da nossa cultura.

Na mesma direção, poder-se-ia questionar se esse pretense acolhimento aos imigrantes e suas culturas refletem, a rigor, a trajetória histórica desses povos que vieram para o país em passado ainda recente. A começar, até mesmo antes dos imigrantes, pela forma com que os portugueses colonizadores trataram as nações indígenas que habitavam nosso território. A maneira como foram ludibriadas, exploradas e dizimadas não condiz, em absoluto, com o anúncio de si declarado na narrativa da abertura. Na sequência, também cabe uma nota crítica em relação à prática da escravidão dos milhares de africanos, trazidos à força para o Brasil para servirem de mão de obra nas fazendas. A quase glamourização dos negros na história brasileira, como se tentou demonstrar na abertura, é mais uma inverdade perversa perpetrada por um país que, não por acaso, foi o último na América Latina a acabar oficialmente com a escravatura! Indígenas, negros e quilombolas, assim como outros grupos sociais empobrecidos no campo e periferias das cidades, sem terra e sem teto, continuam sendo discriminados, desvalorizados e eliminados cotidianamente na sociedade atual.

Quanto às populações de imigrantes europeus e asiáticos que vieram a seguir, graças aos seus esforços, conhecimentos e união, elas conseguiram construir sua cidadania, não sem antes, no entanto, enfrentar, durante dezenas de anos, discriminações diversas, por seus hábitos, costumes, maneiras de falar e vestir. Tratados como pessoas de segunda classe, porque dedicados à terra e à produção primária, sobretudo à agricultura, japoneses, italianos e alemães e seus descendentes precisaram perseverar em suas atividades, amparados em tradições de seus países de origem, para conquistar a respeitabilidade que desfrutam hoje. Isso para dizer que o alegado acolhimento que a narrativa oficial da abertura mostrou parece mais uma “gambiarra” de seus organizadores. Os casos recentes de intolerância que temos observado contra refugiados haitianos e venezuelanos demonstram que esse traço da cultura brasileira continua presente, beirando a xenofobia.

De todas as autoproclamadas virtudes brasileiras na cerimônia de abertura, a que talvez tenha sido a mais demagógica foi a pretensa preocupação e cuidado com o ambiente e a sustentabilidade. Ora, num país que polui diuturnamente seus rios, lagoas, manguezais, restingas e oceano; num país que desmata o equivalente a 32 campos de futebol por

mês, para ampliar a produção de *commodities* para exportação (agricultura intensivista e pecuária); num país em que os grandes crimes ambientais cometidos por indústrias de todo o tipo não apenas continuam impunes como ainda recebem incentivos fiscais (isenções de impostos e recursos públicos) para “mitigar” seus malefícios; num país em que a visão caolha dos empresários, gestores, legisladores e poder judiciário limita sua compreensão de sustentabilidade à questão ambiental, ignorando que bem-estar social, econômico e cultural também são decisivos para explicitar o que é uma nação sustentável; enfim, apresentar-se ao mundo como um país preocupado com a “sustentabilidade” soou como um verdadeiro escárnio, uma piada de péssimo gosto.

E como esse roteiro oficial e suas múltiplas interpretações foram narrados nas empresas midiáticas e no *Twitter*? É do que nos ocupamos neste segundo tópico de considerações finais.

No que se refere às televisões abertas que transmitiram direto as solenidades da abertura dos JO Rio/2016, foi possível perceber a influência onipresente exercida pelo guia de mídia do COLJO. De fato, a grandiosidade de cenas e personagens (e uma certa inventividade) escalados em sequência pelos organizadores da abertura exigia que quem estivesse fazendo essa cobertura ao vivo dispusesse de um suporte comum, permitindo-lhes que contribuíssem para a consolidação de uma determinada narrativa histórico-cultural. Assim, o guia de mídia foi rigorosamente observado pelos âncoras das emissoras, um pouco menos, talvez, por alguns dos seus comentaristas.

Apesar dessa tentativa de unificação de narrativa, bem sucedida como vimos, pode-se observar, porém, uma certa “flexibilidade” de discursos, como solistas de uma espécie de *jam session*. Talvez essa ponderação possa ser melhor aplicada à cobertura da rede Globo e da Record, por motivos e também por evidências diversas.

Enquanto na Globo, com âncoras e comentaristas experientes e zelosos de sua empoderada imagem jornalística como Galvão Bueno e Gloria Maria, se percebeu um quase duelo discursivo para ver quem sabia mais ou tinha a melhor informação, na Record, a presença do humorista Porchat levou leveza e um certo sarcasmo à narração televisiva, até mesmo descolando-se do espetáculo referente, em alguns momentos. Além disso, para diferenciar ainda mais essas duas coberturas, pode-se salientar o papel destacado que a Record deu ao diálogo com as



suas redes sociais, arejando e diversificando as narrativas, provocado por seus telespectadores, o que não ocorreu na cobertura da Globo.

Ambas, porém, foram pródigas em enaltecer a beleza e a criatividade da solenidade de abertura, praticamente sem fazer uso de qualquer criticidade, sobretudo sobre o momento político pelo qual o país atravessava, exceto por brevíssimos comentários, ditos muito mais como informação do que como opinião, como no caso do “esquecimento” de registro da presença do presidente interino.

Aliás, nesse quesito específico as duas outras emissoras acompanhadas se somaram às já citadas. Com uma acentuada neutralidade discursiva, em que até mesmo os silêncios sugeridos no guia de orientação de mídia foram não só rigorosamente observados como até ampliados, Band e TVE-1 tiveram narrativas corretas, mas econômicas e limitadas a satisfazer o interesse público (narrativa oficial). Sequer a quebra do protocolo olímpico ao não anunciar a presença do presidente interino da república mereceu de ambas qualquer observação, assim como as manifestações contra o impeachment em curso da presidenta Dilma, mantidas à distância dos espaços olímpicos por dura repressão policial.

No geral, as emissoras de sinal aberto, ao lado das imagens oficiais distribuídas pelos organizadores, veicularam informações, especialmente as contidas no guia de mídia, aparentemente privilegiando a máxima de que uma imagem (ou várias delas, em movimento) valem mais do que mil palavras. E as palavras fora do script foram empregadas, principalmente, para enaltecer a grandiosidade da cerimônia de abertura.

No que se refere aos portais de notícias acompanhados, algumas características semelhantes à cobertura televisiva puderam ser observadas. Embora sem seguir tanto o guia de mídia do COLJO, até mesmo pelas características desse meio, alguns portais, ao referirem-se a trechos da abertura, também fizeram uso de informações do guia, sobretudo para legendar imagens (fotos).

Fora isso, as formas adotadas pelos portais para fazer a cobertura do cerimonial de abertura foram bastante distintas entre si, como se pode perceber na descrição desse meio (item 3.2). Enquanto alguns optaram pelo relato minuto a minuto ou retrospectivo, outros preferiram destacar as repercussões do evento na mídia nacional e internacional. Foi interessante observar como o sistema Globo, por dispor de dois portais (globo.com e G1), soube valorizar a totalidade dos seus veículos midiáticos. Enquanto o primeiro, como portal de entrada para

o conteúdo digital corporativo, sobretudo de entretenimento, fez uso intensivo de uma estratégia multimídia, explorando principalmente imagens (fotos e vídeos) e oferecendo links para seus outros meios, o G1, de responsabilidade da central de jornalismo, esteve mais interessado em trazer as repercussões da abertura na imprensa internacional e nas diversas regiões do país, estas através de seus parceiros regionais.

Em ambos os portais do sistema Globo, o enfoque foram os elogios à criatividade e beleza do evento, à importância de se destacarem grandes nomes da cena artístico-cultural como a modelo Gisele Bündchen e os vários intérpretes musicais. Da mesma forma que as televisões abertas, as críticas políticas estiveram praticamente ausentes das narrativas midiáticas desses portais, exceto breves comentários sobre as vaias ao presidente interino quando da declaração de abertura dos Jogos.

Já nos outros dois portais acompanhados, o brasileiro UOL e o espanhol Rtv.es, percebeu-se uma cobertura um pouco mais técnica da abertura. O UOL optou por fazer uma narrativa minuto a minuto, postando breves títulos, não acompanhados de comentários, para contar o que acontecia no palco do Maracanã, fazendo uso de fotos de agências oficiais para ilustrar essas “chamadas”. A neutralidade da narrativa do UOL, identificada, por exemplo, no uso limitado de adjetivos nos títulos descritivos utilizados, não impediu, porém, que fossem divulgadas também postagens de internautas nas redes sociais do UOL, essas sim, possivelmente filtradas pela editoria, com elogios ao espetáculo e manifestações de orgulho nacionalista.

De igual forma, o portal Rtv.es, obviamente destinado ao público espanhol, adotou um tom mais informativo, até mesmo antecipando os momentos que iriam acontecer no desenrolar da cerimônia de abertura, com destaque para os momentos históricos retratados e, principalmente, as atrações musicais. Cientes de que seus consumidores não necessariamente conheciam os vários episódios da história e da cultura brasileira que seriam/foram representadas simbolicamente na abertura, o portal preocupou-se em fornecer essas informações, que permitiam uma compreensão mais contextualizada de cada manifestação cultural apresentada. O Rtv.es divulgou em vários momentos, desde antes mesmo da abertura, que a cerimônia de abertura podia ser acompanhada por seus canais televisivo e radiofônico, tal como vimos no discurso do globo.com.



De forma bastante semelhante, isso é, com discrição e sem comentários explicativos, UOL e Rtv.es divulgaram a falta de referência à presença do presidente interino no estádio, considerada como uma mera quebra de protocolo, assim como as vaías que se seguiram à brevíssima manifestação desse, declarando aberto os JO Rio/2016.

Em síntese, os portais acompanhados demonstraram, na sua diversidade de abordagens, as diferentes possibilidades destes em operar com os interesses do projeto editorial de suas empresas, fazendo uso de discursos que contemplaram tanto narrativas informativas técnicas e funcionais (jornalísticas), quanto abordagens mais voltadas para a dimensão do entretenimento, passando ainda por estratégias de difusão multimídias e de interação com os seus consumidores.

Nesse sentido, a opção de acompanhar uma rede social, no caso da pesquisa o *Twitter*, se constituiu no nosso esforço em também observar narrativas discursivas alternativas, não ligadas ao esquema de mídia empresarial e, essencialmente, interativas.

Pela característica das redes sociais, o princípio da livre participação decorrente do avanço tecnológico conhecido como internet 2.0 conferiu a cada um que se disponha a ter uma conta/perfil o direito de expressar, com certos limites, sua opinião. Ou, melhor dizendo, torna-la pública no ambiente virtual, já que havia e há outros canais pelos quais podemos nos manifestar publicamente. A principal diferença, é claro, refere-se às dimensões que nossa opinião publicada pode alcançar. Assim, sem a euforia dos “integrados”, a participação daquele que era, até então, um receptor/consumidor mais ou menos passivo ou com menor visibilidade, pode representar um frutífero espaço de construção coletiva de discursos alternativos ou contra-hegemônicos.

Foi isso o que fomos buscar ao decidirmos acompanhar o *Twitter*, a princípio, a partir das *hashtags* propostas para os JO Rio/2016. A autonomia relativa dos usuários da rede social fez com que outras *hashtags* fossem acionadas e se tornassem mais comentadas (e por isso, fossem incorporadas à pesquisa).

Assim, na perspectiva de compreendermos as mensagens veiculadas no *Twitter* como uma narrativa interativa e alternativa à narrativa oficial, ainda que polissêmica e, às vezes, dissonante, nos debruçamos sobre esse material. E o que os dados produzidos nos mostraram foi exatamente isso: são muitos e muito diversos os discursos que circularam na rede social, o que praticamente impede uma síntese sem correr

o risco de promover uma simplificação e uma generalização infundada. Ainda assim, através da estratégia metodológica de agrupar os *tweets* ou *posts* em palavras-chave, foi possível um mínimo de organização do farto material, sem necessariamente considerar aspectos quantitativos das mesmas. E já nesse esforço de organização foi possível constatar a polissemia dos discursos acima referida, dado o elevado número de palavras-chave/grupos (8) que foi necessário para acolher as mensagens mais representativas. E o que nos mostram esses agrupamentos?

Por um lado, é fácil constatar que os participantes da rede social que se manifestaram através das *hashtags* acompanhadas expressaram, em sua maioria, manifestações positivas ao espetáculo da abertura dos JO Rio/2016. Foi possível perceber uma série de elogios à tematização do meio ambiente e sustentabilidade; à criatividade dos responsáveis pela cerimônia artística; aos trechos da história e personagens eleitos para compor a narrativa oficial; aos talentos artísticos escolhidos para representar a cultura brasileira/carioca; tudo isso tendo como pano de fundo um nacionalismo apresentado em diversas gradações, até mesmo com um certo ufanismo, talvez como espelhamento do próprio discurso da mídia empresarial, sobretudo o da televisão.

Há, porém, com menor recorrência, referências críticas a essa narrativa amplamente simpática e favorável à narrativa oficialmente proposta e repercutida pela mídia e mesmo a algumas manifestações no próprio *Twitter*. E, como era de se esperar, em número e em termos bastante diversos dos poucos comentários críticos observados nas televisões e nos portais. A crise política brasileira, com o afastamento contestado da presidente Dilma, as denúncias de corrupção nas obras realizadas para os Jogos na cidade do Rio de Janeiro (e as prometidas e não realizadas) e a presença (não anunciada) de Temer no Maracanã, entre outros foram temas que mereceram destaque nas postagens e comentários, com textos mais duros e diretos, acima de tudo, opinativos. Mesmo os temas que repercutiram favoravelmente no *Twitter*, antes referidos, foram questionados por alguns posts, como, por exemplo, os referentes à glamorização da pobreza e das favelas, à escravidão, ao extermínio dos indígenas, às contradições do discurso pretensamente ambientalista, etc.

Mas o que chamou a atenção de maneira singular, especialmente para os objetivos da pesquisa, foram os comentários críticos à própria mídia. Falas de âncoras e comentaristas das emissoras de televisão



foram objeto de postagens, demonstrando que apesar de estarem operando nas redes sociais os receptores/consumidores não deixaram de lado o discurso midiático televisivo. Tanto é assim que o “esporte preferido” de muitos usuários do *Twitter*, que é criticar o jornalista Galvão Bueno (Globo), fez com que a *hashtag* #calabocagalvao passasse a fazer parte do *trending topics* daquela rede como uma das mais comentadas.

Essa intertextualidade ou diálogo entre os discursos dos veículos da mídia empresarial e da rede social acompanhada constitui o foco do terceiro e último tópico dessas considerações finais, em que nos dedicamos a refletir sobre os nossos dados do campo em perspectiva ao que sugere o quadro teórico de referência adotado no estudo, para tentar responder o problema da pesquisa e que orienta a investigação específica desse capítulo: *Tomando como referência os JO e os JP Rio/2016, pode a cobertura midiática de megaeventos esportivos ser interpretada à luz de pressupostos da cultura de convergência?*

Aprofundando essa questão de partida, podemos ainda pensar se a narrativa da mídia empresarial é influenciada e se, de certo modo, reflete as narrativas das redes sociais?

No universo teórico desenvolvido por Jenkins (2009), a convergência não se limita à progressiva unificação de plataformas midiáticas, esta referida como intermedialidade ou *crossmedia*⁸, mas diz respeito a uma transformação cultural em andamento, no âmbito da qual, por iniciativa própria, o consumidor “busca construir conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”, ampliando assim seu universo informacional a respeito (JENKINS, 2009, p.28). A convergência não se dá, portanto, nas máquinas, mas nas mentes dos consumidores.

Para o autor, a cultura participativa dos consumidores e fãs das produções ficcionais midiáticas, que passam a operar com certa autonomia em relação a tais narrativas oficiais, provoca uma convergência em via de mão-dupla, observada em dois movimentos: uma que se dá de cima para baixo, vindo da mídia empresarial para o público, na qual o campo empresarial oferece conteúdos e estratégias midiáticas para o seu consumo; e outra, de baixo para cima, em que os consumidores, por meio das suas manifestações nas redes sociais, por exemplo,

8 Nessa perspectiva, os conteúdos são transmitidos através de diferentes mídias, sem alterações nas mensagens entre um meio e outro, possibilitando, assim, que os receptores tenham acesso ao mesmo conteúdo em diferentes suportes.

demonstram sua concordância ou não com a narrativa oficial, indicando caminhos para o seu prosseguimento.

Segundo Jenkins, essa convergência de natureza cultural provoca o surgimento de novas estratégias para a interação mercado-audiência, entre as quais destaca-se a narrativa transmídia, definida como uma estrutura que se expande tanto em termos de linguagens (verbais, icônicas, textuais, etc.) quanto de mídias (televisão, rádio, celular, internet, jogos, quadrinhos, etc.).

Com base na conceituação proposta por Jenkins, Scolari (2011, citado por ALZAMORA; TÁRCIA, 2012, p.24) sustenta que:

Uma característica importante deste tipo de narrativa, de acordo com este autor, é não se repetir ou simplesmente ser adaptada de uma mídia para outra. As histórias se complementam em cada suporte e devem fazer sentido isoladamente, conforme propõe Jenkins.

Nessa direção, estudo empreendido por Coelho e Almeida (2015), analisando imagens da Copa do Mundo FIFA 2014 no *Twitter*, demonstrou que o discurso da mídia oficial ainda é amplamente hegemônico e que as narrativas não oficiais nas redes sociais operam, principalmente, a partir de estratégias como o remix/montagens/memes e a apropriação, implicando não mais que uma “releitura”, ainda que criativa e bem-humorada, de imagens veiculadas na mídia empresarial. Não teria havido, portanto, uma narrativa transmídia, apenas uma cobertura em convergência, que se valeu de diferentes plataformas para tratar do mesmo fato.

Da mesma forma, pesquisa de Alzamora e Tárzia (2013), a respeito das plataformas de acesso à cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres/2012 com adultos britânicos, demonstrou que apesar de uma ampla cobertura multitela desenvolvida pela BBC,⁹ 3/4 deles assistiram às competições e às informações sobre o evento prioritariamente através da mídia televisiva. Também naquele estudo a conclusão das autoras foi de que, no âmbito do jornalismo esportivo, apesar da distribuição do conteúdo em diferentes meios, não houve evidências de narrativa transmídia.

Esses dois estudos parecem indicar que: nem a cultura de convergência, pensada por Jenkins (2009) para o campo ficcional e do

9 *British Broadcasting Corporation*, rede pública de mídia inglesa, fundada em 1922 e responsável pela transmissão dos Jogos Olímpicos de Londres/2012



entretenimento, difundiu-se tanto ou tão rápido quanto previsto pelo autor; nem ela pode ser transferida mecanicamente para o jornalismo esportivo, sobretudo no que se refere à ocorrência concreta de narrativa transmídia.

Recuperados brevemente alguns aportes teóricos e esses dois estudos sobre convergência e narrativa transmídia no jornalismo esportivo, podemos concluir que em nossa pesquisa foi possível perceber diversos episódios que apontam para uma significativa convergência no âmbito dos vários discursos da mídia, numa perspectiva ainda *cross-media*. Nesse sentido, constatamos que os meios acompanhados operaram de forma interativa e de complementaridade. Todavia, não é plausível considerar que essa convergência, no caso estudado, tenha se configurado como uma narrativa transmídia. Uma possível explicação para esse fato é que, sendo a abertura do evento esportivo uma espécie de “pacote fechado”, com início, meio e fim previamente planejados, e referenciado numa situação real, não ficcional, não seria adequado, técnica e comercialmente, veicular esse conteúdo em diferentes plataformas, em partes independentes, capazes de fazerem sentido individualmente.

REFERÊNCIAS

ABREU, M., DANTAS, C. Música popular, histórias e disputas em torno de um conceito. *Escritural – Écritures d’Amérique latine*, n. 6, Dezembro, 2012.

ALZAMORA, G.; TÁRCIA, L. Da prática monomídia à perspectiva transmídia: convergência na história da cobertura jornalística dos jogos olímpicos. Encontro Nacional de História da Mídia, 9, *Anais...* Ouro Preto/MG, 30/5-01/6/2013.

_____. *Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo*. *Brazilian Journalism Research*, v. 8, n. 1, 2012. Disponível: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401/370>.

BARBOSA, L. *O jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*, 2 ed. Lisboa/Pt, Edições 70, 2009.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Europeia do livro. São Paulo, 1970.

BONFIM, L. L. **Funk carioca, voz feminina e o caso Tati Quebra-Barraco**. Dissertação (mestrado) em Literatura. Florianópolis, PPGL/UFSC, 2015.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BRONDANI, R.F.; MARQUES, J.C. O discurso da sustentabilidade nos Jogos Olímpicos Rio 2016: uma análise da cerimônia de abertura e da cobertura realizada pela mídia impressa brasileira. Congresso Brasileiro de Ciências da Informação, 40, **Anais...** Curitiba, 04-09/setembro/2017.

CANDIDO, A. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas FFLCH/SP, 2002.

CARVALHO, J. M. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, 1998.

DACOSTA, L. **Santos-Dumont: pioneiro da aviação esportiva e o primeiro herói olímpico do Brasil**. Rio de Janeiro: Engenho e Arte, 2016.

COELHO, I.C.; ALMEIDA, E.V. Cultura da participação e da convergência na Copa do Mundo FIFA 2014: um estudo a partir de imagens compartilhadas no *Twitter*. Florianópolis, **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p.138-153, setembro/2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p138>

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, Rio de Janeiro, Sept/Dec. 2003, p. 40-52.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MORAGAS SPÀ, M. **Communication, cultural identities and the Olympic Games: the Barcelona'92 experience**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB.(2010). Disponível em: http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/wp006_eng.pdf. Acesso em: 15/05/2016.



PEREIRA, R. S. *et al.* A cobertura jornalística da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 e a repercussão na rede social Twitter. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 154-171, setembro/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p154>

PIRES, G.L. *et al.* Jogos olímpicos e a dialética global-local: os catarinenses em Atenas/2004 na mídia impressa regional. In: SANFELICE, G.; MUSKIW, M. (orgs.). **Mídia e esporte: temas contemporâneos**. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2010, p. 34-56.

PIRES, G.L. (org.). **Observando o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

_____. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

PIRES, G.L.; LISBOA, M.M. (orgs.). **Quem será “mais Brasil” em Londres/2012?** Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015.

POFFO, B. N. *et al.* Day After: o adeus aos Jogos Olímpicos de Londres/2012 e as boas vindas ao Rio/2016. In: PIRES, G. L.; LISBOA, M. M. (orgs.). **Quem será mais Brasil em Londres 2012? Enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015.

OLIVEN, R. Latin American Music Review. **Revista de Música Latinoamericana**, v. 5, n. 1, Spring – Summer, 1984, p. 66-96.

RIAL, C. ; GROSSI, M. Gênero, raça e violência nas olimpíadas do Rio. In: **Cuadernos de las Olimpíadas**, 2016.

SANTOS, G. F. **“Um mundo, um sonho”**. Uma utopia? **Narrações midiáticas de valores olímpicos e esportivos na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Vitória/ES, PPGEF/UFES, 2012.

_____. **Mostrando os cinco anéis para o mundo: os jogos olímpicos, a televisão e a cerimônia de abertura**. XVIII CONBRACE/V CONICE, **Anais...** Brasília/DF, 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5504/2491>



SANTOS Jr., O.C.; GAFFNEY, C.; RIBEIRO, L.C.Q. **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Rio de Janeiro: E-papers, 2015 [recurso digital].

SCHWARCZ, L. K. M. O Complexo de Zé Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. In: XVIII Reunião Anual da ANPOCS, 1994, Caxambu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, 1994. v. 29. p. 53 – 75

SCOLARI, Carlos A. **Narrativa transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Centro Libros PAFP, 2013.

SMITH, A. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

VIEIRA, P. T. **Análise de programas especiais de televisão produzidos por emissoras brasileiras na cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney-2000**. Dissertação (mestrado em Educação Física). Brasília/DF, UCB, 2003.

ZAN, J. R. Música popular brasileira, indústria cultural e identidade. **EccoS Rev. Cient.**, UNINOVE, São Paulo: (n. 1, v. 3): Jun, 2011. p.105-122.